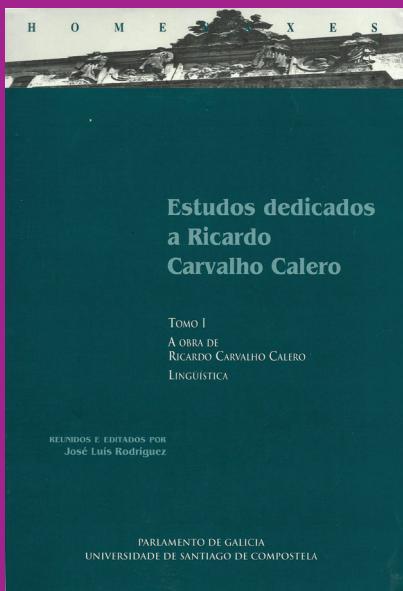
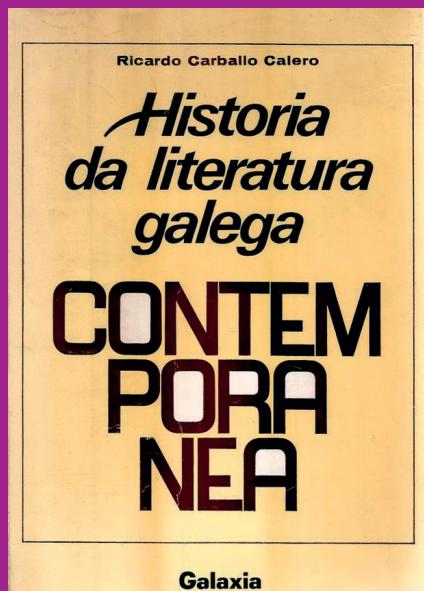


# Ricardo Carvalho Calero... por fim!

AA.VV.



A. C. IRMÁNS  
SUÁREZ  
PICALLO



O AGRADECIMENTO da Asociación Cultural “Irmáns Suárez Picallo” aos autores que, cos seus textos e fotos, colaboran neste Caderno. E a José-Ma. Monterroso Devesa ademais a súa coordinación.

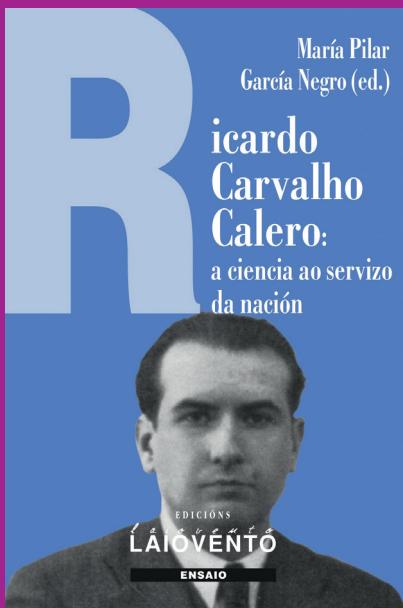
Edita: Asociación Cultural Irmáns Suárez Picallo  
comisionsuarezpicallo@gmail.com  
<http://www.blogoteca.com/acsuarezpicallo>

Maquetación e impresión:  
LUGAMI Artes Gráficas (Betanzos)

Sada - Xaneiro, 2020

D.L. C 814-2014

Tirada: 700 exemplares



# Apresentaçom

Tarde chega, mas é bom que chegue, a celebraçom oficial de RICARDO CARVALHO CALERO... a três décadas do seu passamento. E a essa injustiça institucional suma-se a importância do sujeito de tal omisso... muitíssimo mais óbvia do que a doutros homenageados, até a data, co Dia das Letras Galegas (abondaria, em rigor, chamar-lhe Dia das Nossas Letras).

Contudo, amais dos reconhecimentos em vida (Corunha, 1982 –de vários grupos culturais–; as *conversas* de Fernán Vello & Pillado Mayor –1986– e de Blanco –1989–, entre outros), que nom foram poucos, tenhem-se dado outros, entre os que lembramos: o ciclo-homenagem d'O Facho (1990), o colectivo *A razón da esperanza* (A Nosa Terra, 1991), a biografia de Montero Santalla (1993), os monumentais douis volumes –a totalizarem as mil páginas– de Parlamento & USC (2000), o Simpósio da UDC (2002), ou a publicaçom da Fundaçom Artábrria (2008), culminados co ingresso nos nomenclátores urbanos de Ferrol e Compostela, mais a instalaçom do seu retrato em bronze nesta capital (2010)... amém do I.E.S. de Ferrol.

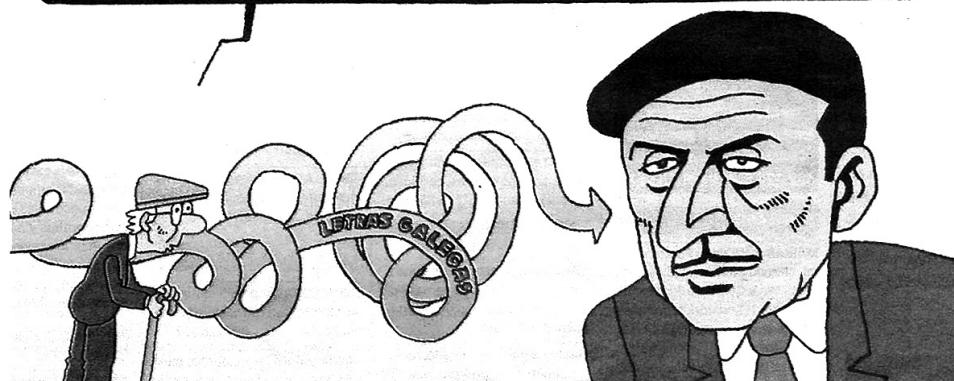
Quer dizer que o *Caderno* que a Asociación Irmáns Suárez Picallo tira hoje do prêlo alicerça-se em todo aquele conjunto de esforços privados e colectivos e, prévia a inevitável escolha, entre dúzias de possíveis, dum feixe de autores, vem dar fé do induvitável magistério ético, intelectual e literário que dom Ricardo representa para o nosso país.

É projecto desta instituiçom publicar um segundo *Caderno* no decorrer do presente ano, tal a riqueza e o viçoso polifacetismo do nosso inesquecível ferrolám.



O LECER DE ISOLINO Xaquín Marín

**ESTOU BEM LEDO DE QUE DEDIQUEN O DÍA DAS LETRAS  
DO 2020 A CARVALHO GALERO; MÁIS O ESTARÍA SE  
CLAREXASEN AS CAUSAS DE QUE NON FOSE ANTES**



# O promotor de *A nosa cinza*

XAVIER ALCALÁ

**C**abanas. A Madalena. Gloriosa tarde de praia coa professora María Isabel Vázquez, lucense, relacionada por familia e amizade cum ferrolám irrepetível: Ricardo Carballo Calero, quiçá Carbalho ou Carvalho e Caeiro se o Impaís nom se caracterizasse pola deturpaçom dos seus apelidos. A relaçom personal deles ja vinha dos tempos do Colégio Fingoy, onde “os de Marcos” (assí o di ela) se atreverom a acolher um republicano convencido e convicto.

Maribel tivo a fortuna de conhecer a “dom Ricardo” desde pequena e, co tempo, a de ser a sua aluna. Lembra com olhos de ilusóm juvenil as liçons que ditava o professor pequeno de corpo e grande de inteligêcia, sobre todo as das literaturas das línguas romances nos seus estádios primitivos.

The newspaper cover features the title "ferrol domingo" in large letters, with "FERROLANOS FUERA DE CASA" below it. A large photo of Don Ricardo Carballo Calero is on the right. The main headline reads "Don Ricardo Carballo Calero". Below the photo is a portrait of him. The text on the left discusses Galician literature and its comparison to other languages. The bottom right corner has the word "FERROL DÍA".

**EL IDIOMA GALLEGO:**  
— “Hoy se registra por todas partes un evidente interés por la literatura gallega”

**FUNCIONALIDAD CULTURAL DEL GALLEGO:**  
— “Hoy se inscribe en un segundo resurgimiento del idioma gallego, con la cultura gallega, fundamentalmente, a un resurgimiento, no si se quiere, a un tercero, del idioma gallego, como medio de comunicación”

**EL IDIOMA GALLEGO:**  
— “Asistimos a un segundo resurgimiento del idioma gallego, con la cultura gallega, fundamentalmente, a un resurgimiento, no si se quiere, a un tercero, del idioma gallego, como medio de comunicación”

**XAVIER ALCALÁ** estudiou primaria e bacharelato en Ferrol, a onde volvería para exercer como enxeñeiro de Telecomunicación. Escribiu letras de canciôns para Andrés do Barro e colaborou en distintos xornais e revistas. En 1980 obtivo o Premio da Crítica de narrativa galega por *Fábula*, apenas inicio dunha serie longa de obras e galardóns.

Eu nom tivem essa sorte. Carballo foi para mim em princípio o autor dumha *Gramática Elemental del Gallego Común* que a censura permitiu publicar porque o caso da Galiza –bem o sabia o próprio Generalíssimo Cerillita– nom era o da Catalunha nem o do País Basco. Com essa gramática como base, recibím liçóns de galego no *Club de Amigos de la Unesco* de Madrid. O meu professor foi outro galeguista sobrevivente coma dom Ricardo: dom Xosé Ramón Fernández Oxea, Ben-Cho-Shey para a literatura.

Tampouco lembro a dom Ricardo nos tempos explosivos da nova cançóm, e pensemos que de Ferrol saímos (vizinhos e mesmo companheiros de aula) Lasén, Araguas, Rubia, Do Barro e eu. Situo o inicio da nossa relaçom na minha primeira volta de Lisboa, ja con *Voltar* publicado e *A nosa cinza* escrita na sua primeira versóm.

Si pudo assegurar que entre 1973 e 1979 ocorrerom feitos que viriam consolidar a minha admiraçom por Carballo: a publicaçom de *A nosa cinza*, a apariçom da coleçom *Noroeste* da editorial Sá da Costa de Lisboa e fiaçom da malha de conhecimentos persoais entre os professores Manuel Rodrigues Lapa, Ernesto Guerra da Cal e Ricardo Carvalho Calero. Na periferia dessa malha estivem eu, sempre tratado com mostras de agarimo. O que aprendim deles mudou a minha trajetória vital.

Contodo, na orde dos agradecimentos devo começar pola aventura d'*A nosa cinza*:

Quando lhe entreguei o original a Ramón Piñeiro, o responsável da Editorial Galaxia foi rotundo: “Xavier, isto nunca vai passar a censura”. Estábamos em 1974. Cumpria ter paciêcia. Passaram os anos, morreu o Cerillita de Ferrol, armou-se a farsa juancarlista... e a censura política desapareceu. Mais ficavam outras censuras. Atrevim-me a mandar umha segunda versóm da novela a um concurso e, como todo se sabe, soubo-se que fora “despremiada” pola insistêcia dum membro enxebrista do júri. Segundo el, estava escrita en “galego bracarense”.

Daquela foi quando dom Ricardo me falou diretamente. *A nosa cinza* devia-se publicar. Procurou-lhe editor e a sua apostia funcionou. A primeira ediçom daquelas “memórias dum neno burguês” vendeu-se aginha. O texto passou às mans dum novo editor co limiar magistral do promotor da obra, e às dum pirata que o reeditou incontáveis vezes... até chegar às do definitivo já convertido numha obra popular que atravessa gerações de leitores.

Isso devo-lho a dom Ricardo, como lhe devo o seu apoio na batalha que tentamos dar desde o reintegacionismo. A começos dos 80 éramos muitos os que consideravam que o galego deveria voltar à grafia histórica frente à “de-

mótica”, como a qualificou Carvalho. Durante anos estivemos a buscar soluçóns à grafia do galego e mesmo conseguirom-se consensos que, ao parecer, poderiam ser verdadeiros.

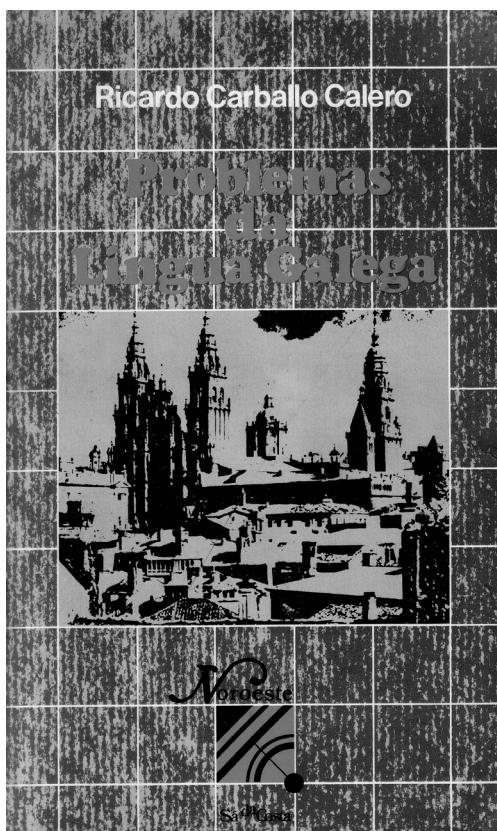
Mais nom foi assim. A dom Ricardo nom o apoiou na Espanha nengún suposto científico das línguas; e contra os que pensávamos abrir o galego á Lusofoña difundiu-se que, como a gente estava afeita à grafia castelá, o melhor seria adoptá-la para facilitar-lhe a leitura do “idioma que nom importa esquecer” (frase de Carvalho Calero).

Mentira. Por trás disso havia um objetivo: impor a representacóm dialectal da língua. Os agentes de Madrid –que na universidade galega havia, algúm com pipa– ganharom a batalha.

E eu deixei de falar co Piñeiro, pois considerei que el e Filgueira Valverde nos mataram umha ilusóm.

Ricardo Carballo Calero, doutor em Leis e Lingua, rejo nas convicções como mo pintava Maribel Vázquez, mantivo-se firme enquanto viveu. O mesmo que lhe ouvím dizer em Lisboa nos tempos de incerteza de fins de ditaduras ibéricas escuitei-lho quando a democracia aparente ja estava consolidada. Sustivo o mesmo que, trinta anos despois e com ferramentas de investigacóm lingüística incontestáveis, defende o professor Fernando Venâncio: a língua que no 2050 terá 500 milhóns de falantes é original da Galiza e foi levada a ponta de espada até Lisboa e de aí polo Globo adiante.

Sendo assí, bem pagaria a pena homenagearmos aquel home visionário da maneira mais singela: aceitando que o tempo lhe veu dar a razóm e seguindo as suas propostas. Nestes momentos fala-se de “binormativa”. Vaiamos, como mínimo, a isso.



# Don Ricardo Carvalho Calero na Academia

XOSÉ LUIS AXEITOS

**O**s expedientes académicos e institucionais adoitan, pola súa propia naturaleza, ser asépticos e parcos. O de D. Ricardo Carvalho Calero non é unha excepción neste senso pero algúns datos cobran hoxendía especial relevancia debido aos moitos anos de postergación que padeceu por parte da Real Academia Galega. Compre valorar que o seu expediente comeza sendo presidente da RAG D. Manuel Casás e remata, despois de pasar pola presidencia de Martínez Barbeito, con D. Domingo García Sabell.

Faremos antes de nada unha sucinta descripción do contido do expediente de D. Ricardo para despois fixar a nosa atención nalgúns elementos significativos do mesmo sen pretensión de ser exhaustivos na mesma.

Obviamente o seu expediente comeza cando é nomeado “Correspondiente” no ano 1951 a instancias de Vales Villamarín, Otero Pedrayo, José Luís Bugallal e Leandro Carré. A breve proposta, en castelá por suposto, sinala ao candidato como “ilustre ensayista ferrolano y notable escritor, autor de la celebrada novela del país [sic] “A xente da Barreira”. Non era o redactor desta proposta mecanoscrita, naturalmente, Otero Pedrayo que, como veremos máis adiante, adoitaba dirixirse á RAG en galego e de forma manuscrita. Compre salientar que os asinantes da proposta como “correspondente” de Carvalho Calero non eran integrantes do grupo Galaxia, ainda non conformado como tal por estas datas. Pero si o serán xa cando o presenten como numerario seis anos máis tarde.

Nada hai no expediente ata que seis anos máis tarde a prensa do 3 de abril de 1957 dá noticia do nomeamento como numerario de Carvalho Calero a

**XOSÉ LUIS AXEITOS** (Asados-Rianxo, 1945), foi ata a súa xubilación en 2009 profesor de Literatura Española no Ensino Secundario. Editor de Manoel Antonio, Lorenzo Varela, Rafael Dieste e Luís Seoane, dedicou ao tema do exilio galego numerosos estudos. Actualmente está a completar o volume IV do epistolario de Rosalía e Murguía. Membro Numerario da RAG, foi premio de Investigación Losada Diéguez e dirixe a revista de estudios rosalianos “Follas Novas”.

proposta de Otero Pedrayo, López Cuevillas e Ferro Couselo. Fora elixido na sesión celebrada no concello da Coruña, sede da RAG, con data 31 de marzo de 1957:

*La asamblea procedió seguidamente a la votación reglamentaria para el nombramiento de numerario en la vacante existente por fallecimiento de D. Marcelo Macías y García, que no cubrió, en su día, por las causas conocidas, el que había sido electo D. José Couselo Bouzas, por lo que hubo que anunciarla de nuevo. Resultó elegido D. Ricardo Carballo Calero, notable escritor de El Ferrol, que alcanzó en la votación 27 sufragios.*

Moito más expresivas son as verbas de Otero Pedrayo que xustifican a proposta:

*Os académicos firmantes teñen a outa lediza e honra de propoñeren para a vacante do ilustre e inesquecíbel Dn. Marcelo Macías, novamente anunciada, ó poeta, ensaísta e novelista D. Ricardo Carballo Calero, ferrolán residente en Lugo. Espírito grave e puro, dono e mestre de un fondo senso de galeguidade, produxo fai poucos meses grandes impresión na Facultade de Filosofía e Letras de Madrid co seu traballo de doutorado sobre a moderna Literatura Galega, e suas conferencias arredor de poetas e prosistas...*

*Abondaría a lembrada tesis feita con todo o método e finura da millor crítica para consagrare o nome de Ricardo Carballo Calero si non tivese apesares da sua xuventude unha fermosa laboura de creación e crítica. Pensem os seus volumes de poemas casteláns de mocidade “La soledad confusa” e “Trinitarias”, nos outos e nobres versos galegos dos libros “O silencio axionllado” (1934) e “Anxo de terra” (1950), na rexia laboura xornalística e de ensaio na “Ollada encol da poesía galega contemporánea” pubricada en 1931, está a vixente raís do fermoso libro “Sete poetas galegos”, de fai un ano ou pouco mais, na novela “A xente da Barreira” onde latexa con arte maxistral e conteñida emoción do tempo e do decorrer das vidas, a historia de unha xinea de antigo pazo e seus intres, un paisaxe...*

Outros moitos documentos dan conta da súa actividade académica e cultural, empezando polo seu discurso de entrada titulado “Contribución ao estudo

Os académicos firmantes teñen a outa leitura e  
hora de proponeren pra a vacante do ilustre  
e inesquecible dr. Marcelo Macías, novamente a-  
nunciada, o poeta, curaista e novelista dr. Ricar-  
do Carballo Calero, fermán residente en Burgos...  
Espírito grave e puro, domo e mestre de seu pa-  
to reino de Galicia dende protexer fai procesos  
mores grande inspiración na Facultade de Filo-  
sofía e Letras de Madrid co seu traballo de doc-  
torado sobre a moderna literatura galega, e suas  
conferencias apretadas de poetas e prosistas...  
Abundaría a lembrada tesis feita con todo o mé-  
rito e finura da millor crítica pra coronafrase  
o nome de Ricardo Carballo Calero si non ti-  
vera apesaras da sua surentude nula premiose  
laboura de creación e crítica... Pausemos nos  
seus volumes de poesías castelás da suuidade  
"Na roleda confuse" e "Trinitarias", noss autores e no-  
sros versos galegos dos libros "O silencio axiomatico"  
(1934) e "Apuso na terra" (1950), na re-  
xa laboura xornalistica e de ensaios - na "Alfa-  
bra mural da poesía galega contemporánea" (en-  
brizada en 1951) esté a vivente raios do fermoso  
libro "Sete poetas galegos" de fai un anno ou  
peus mais; na novela "A xente de Barci-  
na" onde bateza con arte marxistral e conte-  
nida evolución do tempo e do decorrer das vi-  
das a historia de nosta xineza de antigo pa-  
ro e seus ritmos en paisaxe e con linguaxe  
que desabre non intencionadas terrazas de  
galiza montaña e formas belidas da nosta  
gala... Ricardo Carballo Calero, doutor na  
Facultade de Letras, e tamén xurista, é fai  
anos a alma e mente reitoras de nosta gran.

de institución particular de cultura....

No tanto de Dr. Marcelo. Carballo Calero, bon eruditor ó tempos científicos e literarios da nosa idioma, e seu leito humanista no ánimo e moderno seu, sería un valor de cultura, de traballo fructífera nas nobres ameixas da nova Academia.

Ourense 2. do agosto de 1956

Manuel Hernández

Fernando Encinas

Derrólnase

Los Numerarios que suscriben, de conformidad con la propuesta que antecede, teniendo en cuenta los relevantes méritos de DON RI - CARDO CARBALLO CALERO, tienen el honor de informar que dicha pro - puesta es reglamentaria, y por tanto, que el individuo a quien se re - fiere debe ser nombrado Académico de Número.

La Coruña, 15 de diciembre de 1956.

Manuel Pasá

Leandro Amie

Sébastián Martínez Risco

das fontes literarias de Rosalía”, lido con data 28 de abril de 1958 e contestado por Otero Pedrayo.

Recibe numerosos parabéns da RAG, que agradece epistolarmente, como cando en 1965 é nomeado encargado de curso para impartir Lingua e Literatura Galega na Universidade de Santiago, cando lle outorgan a Encomenda da Orde de Alfonso X (abril de 1966), cando en 1972 obtén a cátedra de Lingüística e Literatura Galega, cando en 1978 é nomeado “Ferrolán do Ano”, cando en 1983 se coloca unha placa na súa casa natal por iniciativa da asociación cultural “Medulio” etc. Cada unha destas actividades está acreditada pola correspondencia oficial e polas correspondentes notas de prensa posteriores.

Non faltan no seu expediente algunas entrevistas concedidas ao “Faro de Vigo” moi importantes e novoidosas áinda hoxe, como por exemplo a de 14 de outubro de 1964.

Para rematar queremos subliñar a importancia e significación dunha información que facilita Carvalho Calero a petición do secretario, Vales Villamarín. É relevante porque indica a *auctoritas* que en materia lingüística exerce o profesor de Lingüística da Universidade de Santiago na RAG antes do desembarco masivo na mesma do Instituto da Lingua Galega.

Resulta significativo ao respecto que en 1974 o secretario da Fundación March, José L. Yuste diríxese á RAG para solicitar o nomeamento dun numerario da mesma para exercer como vogal dun xurado para a concesión de becas de estudos. Poñía como condición que debía ser catedrático de Universidade. O designado, Carvalho Calero, coido que era un dos poucos, xunto con Otero Pedrayo xa xubilado que tiñan esa condición nese momento, excepción feita dos expulsados da docencia universitaria, como Parga Pondal ou Fernández del Riego.

Pois ben, exercendo esa condición de “autoridade académica”, Carvalho Calero emite un informe sobre a utilización da palabra “reás” que fora debatida nunha sesión académica. O informe, sen desviarse de criterios estritamente académicos, revela unha madureza e tolerancia que ben poderían ser horizonte de futuro do que a institución se desviou en tempos posteriores. Trátase dunha carta dirixida ao secretario Vales Villamarín con data 17-VII-1971 e di así:

*“Meu querido amigo e compañeiro: Atopo agora na miña mesa da Facultade a súa carta. A miña interpretación dos acordos e deliberacións do día 4, segundo as notas que toméi é que non se decidiu que “reás”*

*figurase espresamente como palabra suxeita ás normas xeráis de formación do plural, anque ficou claro no cambio de impresión que ésta e outras verbas que a tradición nos teña legado nunha forma callada, poden ser usadas, xa que as normas se refiren en conxunto á deriva do idioma, pero, como en diversas ocasión se indica, non pretenden modificar as formas lídimas e clásicas, consolidadas na fala, aínda que respondan a leis non operantes xa na vida contemporánea da lingua. É a doutrina dos estratos, que se supón sempre vixente por máis que non se mencione de xeito espreso senón nos casos en que a forma dos vocábulos componentes dos diversos estratos resulta equilibrada. Noutros casos non se quixo ser categórico para propiciar unha prudente opción experimental que permita á lingua literaria abrirse espontáneamente camiño. Tal penso”.*

Destaco o último párrafo como sabia opción para que a literatura non atope caminos pechados de tipo normativo tal como ocorre na actualidade.



Rianxo: Centenario de Castelao: X.M.Á. Cáccamo, Fernán-Vello, Ricardo Carvalho Calero, Marinhas del Valle, Monterroso Devesa

# Carvalho Calero e Fernando Cadaval. Uma dilatada convivência

XOÁN COSTA

Quando em 1979 Carvalho Calero publica *Estudos Rosalianos. Aspectos da vida e da obra de Rosalía de Castro*<sup>1</sup> inclui no volume um artigo intitulado “O motivo do cravo” e, no final do texto, a referência da primeira publicação: “La Noche, suplemento del sábado, núm. 5, 12 noviembre 1949”.

Consultada essa referência no suplemento original, comprovamos que esse artigo, com idêntico contido, aparece assinado por Fernando Cadaval no suplemento do diário compostelano. É esta a primeira dumha série de colaborações que com esta assinatura se iriam estender até 1964 nesse meio e outros até bem entrada a década de 1970.

Em abril do ano seguinte, 1950, o próprio jornal La Noche indica que este Fernando Cadaval é pseudónimo de Ricardo Carvalho Calero. Difunde-o ao dar conta da concessão a Carvalho do prémio de romance instituído pela sociedade Bibliófilos Gallegos e que recaí na obra *A xente da barreira*. A este respeito diz o diário vespertino santiaguês:

“Ricardo Carballo Calero, el novelista galardonado, es un escritor de merecida fama en los círculos literarios gallegos... Las últimas muestras de su pulcro estilo como prosista aparecieron en LA NOCHE, donde colabora bajo el seudónimo de Fernando Cadaval”.

Anos mais tarde, o próprio Carvalho certifica este facto “E publiquei artigos co pseudónimo de Fernando Cadaval. Algunxs deles están recollidos en libros posteriores”<sup>2</sup>.

**XOÁN COSTA** Profesor de Lingua e Literatura Galega en diversos institutos, o más do tempo no IES Menéndez Pidal da Coruña (1985 a 2016). Presidente da AS-PG desde 2001. Director da revista Agália (1985-1987). Actual presidente do proxecto Sermos Galiza.

Não foi este o único pseudónimo que utilizou Carvalho. “Eu teño empregado muitos seudónimos” diz em mais de uma ocasión.

Sendo ainda rapaz novo publicou textos com o pseudónimo Ilex<sup>3</sup> “Ilex é aciñeiro en latín e, en certo modo, é unha traduzón do meu apelido” e já em períodos posteriores, ademais de Leopoldo Calero, diz ter empregado “o pseudónimo de Eduardo Colmeiro, por exemplo”.

Na revista Grial há algumas recensões de livros assinadas por M. Dumbria, ou Martiño Dumbría, uma personagem da novela de Otero Pedrayo *Devalar*. Na revista Agália assina como M. Dumbria e publica os “Provérbios otomanos” sob Namiq Ziyá. Ainda na Agália assina algum texto como P. F. (Pauviños Fontenla). Martiño Dumbría e Pauviños Fontenla são duas personagens do romance *Devalar*, de Otero Pedrayo e nelas aparece refletido o espírito “da mocidade que traballava entón no seminário de Estudos Galegos. Esa é a razón de que escollese o nome de Martiño Dumbría, que era un seminarista como fun eu. Seminarista do Seminario de Estudos Galegos, porque eu, a diferenza dunha grande cantidade de escritores galegos, nunca pasei polo seminário conciliar”<sup>4</sup>.

## FERNANDO CADAVAL

No sitio web da Fundación Luís Seoane podemos ler esta biografía de Fernando Cadaval:



7 - 8

### POESÍA A CRÍTICA

VICENTE ALFARO LUGUE  
JOVITISGALO \* SUZANNE ISADOL  
C. VIDAL \* PABLA NIÑO CUADELLA \* JUAN GONZÁLEZ TIZÓN \* JOSÉ ALBERTO RODRÍGUEZ  
CARMELEN CONDE \* TOMÁS BARRIOS \* JOSEPH VILLENA \* ANTONIO GOMES CALAFAT  
ESTEBAN CONDE \* GABRIEL CELAYA \* AQUINO IGLESIAS AVILARIO \* CARLOS RICERRO  
BAUTISTERO NOLLA \* MIGUEL CARRASCO \* JESÚS M. CAÑARRO MÉNDEZ \* F. GARCÍA SÁNCHEZ  
NÚÑEZ RIBAS \* XALO \* J. ADOLFO CARRASCO \* J. M. GARCÍA CALERO \* J. M. GARCÍA CALERO  
AGUSTÍN CASAS \* J. LEYRA DOMÍNGUEZ \* ISAAC DÍAZ PARDO



3

1953

DICIÓN DE CASTILLO - ELEJAREVIA  
YAYREDA \* JUSTO GUERDEJA - MARIÓN  
GALLO \* CONCHA ZARDOZA \* RAMÓN CABANILLAS  
ARROYO \* MANUEL GONZÁLEZ \* MIGUEL GONZÁLEZ GARCÍAS  
MARRIÓDAN \* XOHANA TORRES \* CECILIO PINELA PEREIRO  
M. CUGUEIRO \* J. LEYRA DOMÍNGUEZ \* R. CARDALLEY CALERO  
ISAAC DÍAZ PARDO

R. Carballo Calero e Fernando Cadaval a conviverem na revista  
Aturuxo

“Escritor, poeta e xornalista. Colaborador en *La Noche* e Galicia Emigrante, con traballos onde reflexiona sobre a poesía. Tamén escribiu poemas en *Aturuxo*, revista de poesía editada entre 1952 e 1960”.

Aparece com a mesma consideración que qualquer outro autor sem indicar que se trata de um autor carente de correspondência humana.

Segundo Carvalho a génesis de Fernando Cadaval arrancaría quando começam as colaborações em *La Noche* e nasceria por sugestão de Xosé Luís Goñi, na altura diretor:

“Somente indicou (Goñi) á persoa con que falou este asunto ... que cría que eu debía considerar se non sería conveniente que utilizase un seudónimo. Así naceu o meu seudónimo Fernando Cadaval”<sup>5</sup>.

“A miña muller nasceu nunha aldea de Lugo que se chama O Cádavo. Creio que ese feito foi o que me suxeri o apelido Cadaval. Polo que se refere ao nome de pía, Fernando, a verdade é que non sei a motivazón que pode haver. Talvez polo seu ritmo acentual, pola sua suma de fonemas. Eu teño muitos nomes. Chamo-me Ricardo Leopoldo Anxo Xosé Xerardo, pero non Fernando”<sup>6</sup>.

Álvaro Paradela, en *La Noche* de trinta de maio de 1963 – já passara a primeira celebración das Letras Galegas – pergunta-se sobre as razões de Carvalho adotar esse nome para as suas colaborações em *La Noche* e chega ás seguintes conclusões “Carvalho toma o nome de Fernando Cadaval do Cadaval de Freixeiro, no couto de Narón e Fernando de Fernán d’Esquío, poeta trovador nativo de campos e bosques de Ferrolterra”

Além dessas aclarações de como surdiu, ou poderia ter surdido, o nome que estamos a tratar, cabe indicar que alguns pseudónimos em Carvalho vão além do uso esporádico para ocultar um nome em determinado momento e aproximam-se mais à heteronímia, e, dos “outros nomes de si próprio” que usa Carvalho, Fernando Cadaval é o mais desenvolto, quer na atribuição de temas e assuntos sobre os que escreve na imprensa (ademas de em *La Noche* colaborou em *Vida Gallega*, *Faro de Vigo*, *Galicia Emigrante* e na revista *Aturuxo*) quer na construção da própria biografia que mantém uma personalidade específica até o ponto de o ortónimo (Carvalho) e o heterónimo (Cadaval) conviverem na mesma publicação e serem considerados autores diferentes, como faz Miguel Carlos Vidal, em julho de 1953 ao citar Carvalho e Cadaval como os seus poetas preferidos<sup>7</sup>.

Mas não é este o único dado que nos leva a considerar Cadaval um heterónimo de Carvalho, no sentido em que habitualmente se consideram os de Fernando Pessoa ou mesmo o Juan de Mairena machadiano.

No número dez da revista Aturuxo<sup>8</sup>, dedicado a Luís Pimentel, morto em 13 de fevereiro desse ano de 1958, Fernando Cadaval mostra-se como um autor real, de carne e osso, que se relaciona com outros autores e é conhecedor das suas obras, mesmo daquelas que permanecem inéditas: “Aunque quien esto escribe haya tenido la oportunidad de conocer la obra inédita de Pimentel, no por eso ...” escreve no número 10 de Aturuxo Fernando Cadaval.

Em La Noche, Fernando Cadaval escreve sobre livros, sobre história mas também publica um soneto com o título “Pórtico de la gloria”. É o 24 de julho de 1952, dezoito anos após o “Mitin das arengas”. O soneto apresenta o Pórtico da Gloria como entrada a um “paraíso recobrado”, um paraíso em que

(olvidado de si, de si perdido  
Mateo, arrodillado, se anonada)

Onde si convivem ambos poetas, Cadaval e Carvalho, é em Aturuxo. Carvalho com oito poemas e Cadaval com três, dois sonetos e um romance. A vida de Fernando Cadaval prolongou-se ainda por vários anos. Em 1964 assina, sob iniciais F. C. um artigo em Grial.

Por esses anos, e ainda mais tarde na década de 1970, Carvalho Calero usa com frequência como assinatura simplesmente a inicial C. de Carvalho ou de Cadaval?

Seja como for, esse C guarda em si a síntese duma longa convivência entre ortônimo e heterônimo, entre Carvalho e Cadaval.

---

#### Notas

<sup>1</sup> Ricardo Carballo Calero, Estudios Rosalianos. Aspectos da vida e da obra de Rosalía de Castro, Editorial Galaxia, Vigo, 1979.

<sup>2</sup> Conversas en Compostela con Carballo Calero, M.A. Fernán-Vello e F. Pillado Mayor.

<sup>3</sup> Vid nota 2.

<sup>4</sup> Vid nota 2.

<sup>5</sup> Vid nota 2.

<sup>6</sup> Vid nota 2.

<sup>7</sup> Este poeta ferrolám, nascido em 1929, numa entrevista, a perguntar de quais são os seus poetas preferidos, indica: “... paisanos míos, R. Carvalho Calero, Fernando Cadaval y Tomás Barros”.

<sup>8</sup> Aturuxo. Revista de poesía e crítica, Ferrol 1952-1960.

# Carvalho Calero, o sabio polígrafo

MIGUEL ANXO FERNÁN VELLO

Eu teño escrito sobre Ricardo Carvalho Calero referíndome “á elegancia do intelectual comprometido”, pois o escritor e profesor ferrolán, paradigma de sabedoría prodixiosa e nobreza persoal, mantivo, diante da incuestionábel adversidade que lle tocou vivir, unha elegancia extraordinaria: “Elegancia no plano ético, que se traduce nun inquebrantábel compromiso progresista co seu país, co seu idioma e coa súa cultura, e elegancia de espírito en dialéctica permanente coa sensibilidade, coa sede de coñecemento e cunha arela de perfección e de beleza en todo canto atinxer á creación literaria”. Carvalho Calero, a estes efectos, foi mestre no cultivo da *cognitio*, do *decorum* e do *honestum*, manifestando así unha condición de “sabio” que, como ben diría un psicólogo cognitivo como Robert J. Sternberg, fai uso da intelixencia propia, a creatividade e o coñecemento, mediadas todas estas instancias por valores positivos para atinxir un ben común a través dun balanzo entre os intereses intrapessoais, interpersoais e extrapersoais. Todo isto coincide na figura, xa histórica e clásica, de Ricardo Carvalho Calero.

Toda a traxectoria humana de Carvalho Calero (1910-1990), tanto no plano intelectual e político como no cultural e literario, estivo sinalada e acentuada pola práctica real dunnidio compromiso coa historia e coa realidade do seu país. Dende o poeta adolescente que á idade de trece anos escribe, e logo publica, un poema en galego titulado “A Galicia”, e que aos dezaseis xa sorprende con textos de reflexión literaria en El Correo Gallego e na revista Vida Gallega, o noso sabio e creador precoz —que tamén publica con dezanove anos un ensaio de carácter político titulado “En torno a las ideas comunistas de Platón” (1929)— acabará deseñando unha personalidade que o converterá nun dos máximos representantes da cultura e da literatura do século XX.

**MIGUEL ANXO FERNÁN-VELLO** é galardoado escritor, poeta e editor e foi, com Francisco Pillado Rivadulla, coautor dumhas importantes conversas con Ricardo Carvalho Calero.

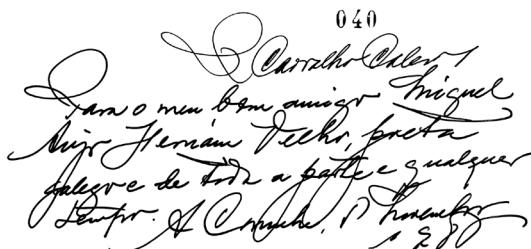
No mozo de Ferrol, que se licenciaría primeiro en Dereito e logo en Filosofía e Letras pola Universidade de Santiago de Compostela, raparigo de intelixencia rápida e fina e peculiar sensibilidade, vibraron moi cedo as cordas do desexo textual, unha vocación pola beleza das ideas e das palabras e un forte latexo creativo que o levaría, pasados os anos, a facer da estética unha ética de valores irrenunciábeis. Con dezaoitro anos Carvalho xa colabora na revista Nós e na Compostela universitaria de finais da década dos vinte, no século pasado –“éramos todos non só liberais e antiditatoriais senón tamén republicanos”–, xa se tiña convertido nun referente de alto valor persoal, non só pola súa capacidade innata de organización senón tamén polo seu dinamismo propio e o seu espírito de servizo á comunidade, sempre dende perspectivas progresistas, galeguistas e nacionalistas de esquerdas.

O estudiante universitario Carvalho Calero, xa poeta e escritor con obra publicada, será presidente da Federación Universitaria Escolar (FUE) e presidente da Asociación Profesional de Alumnos de Dereito, e axiña ingresará no Seminario de Estudos Galegos, chegando a ser Secretario Xeral do mesmo, mais antes asina o manifesto fundacional de Esquerda Galeguista, unha organización política que reclamaba no ano 1931 a “independencia da cultura galega” e a autodeterminación de Galiza. Activista cultural cunha marcada tendencia política, pois, Carvalho acabará cofundando o Partido Galeguista e será membro do seu Comité Executivo con Castelao, Alexandre Bóveda, Lugrís Freire e Valentín Paz Andrade.

A actividade cultural e política de Carvalho Calero, afiliado á UGT en 1933, é immensa e intensa, mais, por razóns de espazo, non pode ser obxecto deste artigo. Aínda que convén lembrar que o avogado e escritor ferrolán, por encargo do Seminario de Estudos Galegos, e xunto con Luís Tobío, marxista de sólida formación, foi redactor do primeiro anteproxecto de Estatuto de Autonomía de Galiza, que, no seu primeiro Artigo, declaraba que “Galiza é un Estado libre dentro da República Federal Española”.

Por expresso deseño dos editores os 100 primeiros exemplares desta obra, em encadernación especial, son numerados e rubricados polo autor.

040



D. Carvalho Calero  
Para o meu ben amigo Miguel  
Miguel Hernández Díez, poeta  
galego e de todo a parte e qualche  
Lentro. A Coruña, 17 novembro  
1980

## CANTIGAS DE AMIGO

E

## OUTROS POEMAS

(1980-1985)

O que avogara no ano 1935, na IV Asemblea do Partido Galeguista, pola alianza coas forzas de esquerda republicanas, acabará sendo, co grao de Tenente, membro da Plana Maior do Exército da República e combaterá en Madrid, Valencia e Andalucía. Detido e procesado por “adhesión a la rebelión” e “individuo separatista”, a condena foi de reclusión maior, doce anos e un día. E despois de dous anos cumplidos en cárcere militar, até a extinción da pena, no ano 1951, o noso gran intelectual e político ten que presentarse periodicamente na prisión militar de Ferrol diante da “autoridade militar” franquista.

O primeiro libro que publica Carvalho Calero leva por título “Trinitarias” (1928) e é un libro de poemas escrito en castelán. No ano 1931 ve a luz “Vieiros”, o seu primeiro libro en galego, idioma este que xa será definitivamente o que fixe e determine toda a súa obra. Como o propio Carvalho recoñeceu en diferentes ocasións, a poesía, a seiva lírica profunda, será sempre o “motor” central da súa obra literaria, ou, como diría Hölderlin, a promesa dunha linguaxe propia. Mais Carvalho será, ademais de poeta, narrador, novelista, autor teatral e ensaísta. En todos os xéneros literarios brilla o seu xenio. O “fillo ilustre de Galiza” –así declarado polo Parlamento galego–, autor tamén da primeira gramática científica do noso idioma, é un “xigante” da intelixencia galega, tanto no plano intelectual e do coñecemento como no propiamente creativo e literario. Sen dúbida, o que fora o primeiro catedrático de Lingüística e Literatura Galega da Universidade de Santiago (1965) acabará sendo tamén, polo conxunto da súa obra literaria, un “clásico” en vida do século XX e de todos os tempos.

Ricardo Carvalho Calero, político ilustrado, sabio profesor, intelectual polígrafo e escritor total, estremece coa súa figura e coa súa obra o cerne dun século de galeguismo e literatura. Como escribín anos atrás, Carvalho soubo ver, dende a fonda tensión que lle forneceu o coñecemento de Rosalía e de Castelao, a raíz e o froito dunha nación chamada Galiza. E esta “acción” estivo presidida en todo momento pola lucidez e o intelecto, pola paixón pola beleza e pola razón, por unha capacidade de sacrificio polas ideas e por un espírito democrático e reflexivo, republicano, que defendía a autodeterminación do noso país.

En toda a obra de Carvalho, como escritor, lingüista e investigador, máis tamén como profesor e orador, brilla a sabedoría. Unha caste de sabedoría “emancipadora”, como expresaría Habermas, e tamén unha sabedoría aberta á razón literaria. O noso sabio e polígrafo será sempre no tempo –tamén pola súa posición lingüística– unha referencia ineludíbel, un paradigma incesante. Na harmonía futura da República Libre escintilará ben alta a figura de Ricardo Carvalho Calero.

# O compromiso galeguista de Carvalho Calero e a fidelidade aos seus postulados lingüísticos

XOSÉ RAMÓN FREIXEIRO MATO

Carvalho Calero implicouse no movemento galeguista e nacionalista xa no período de preguerra; e na posguerra asumiou o compromiso persoal de traballar polo galego, con plena consciencia do esforzo que iso supuña. Así o pon de manifesto o epistolario a Fernández del Riego publicado en 2006; a inicios da década de 60 parece ter asumido a necesidade dese esforzo persoal constante en prol da lingua como responsabilidade histórica que o destino lle reservou cando en carta de agosto de 1961 escribe ao amigo: “poñámonos un e outro a traballar nas nosas ineludibres angueiras, se non máis descansados, un pouco desfogados. Ningún pode fuxir o seu destino”. Integrado no proxecto cultural de Galaxia, asumiou o compromiso de elaborar a grande historia da literatura galega contemporánea, tarefa a que dedicou un grande esforzo. Mais no programa da editora tamén estaba a elaboración dunha gramática do galego, para cuxo labor Ramón Piñeiro contactara sucesivamente con Aníbal Otero, Aquilino Iglesia Alvariño, Isidoro Millán González-Pardo, Ramón Lorenzo e José Luís Pensado; e só perante a negativa destes é cando se dirixe a Carvalho, que vai ser o único en aceptar a encomenda como máis unha obriga do seu compromiso galeguista.

Así pois, a finais de 1963 xa se comprometera disciplinadamente a facer a gramática para Galaxia, a pesar de coñecer as dificultades da misión e de dispor de pouco tempo libre para ese encargo. Con certeza, a tarefa tórnase dura e complexa, pois a carga de traballo que soporta na altura é grande, no-

**XOSÉ RAMÓN FREIXEIRO MATO** é catedrático da ÁREA de Filoloxías Galega e Portuguesa na Facultade de Filoloxía da Universidade da Coruña, onde desenvolve tarefas docentes e investigadoras. As súas liñas de pesquisa fundamentais son a gramática galega, a lingua literaria, a estilística e a relación entre lingua galega e sociedade tanto desde unha perspectiva histórica como actual.

meadamente coa dirección do colexio Fingoi e coa elaboración doutros moitos traballos en que estaba comprometido, como os artigos para *Grial*, alén do seu propio labor de creación literaria. Na verdade, pór o ramo á gramática convértese nunha obsesión para el, como ben deixá ver noutra carta a Del Riego de xullo de 1966, onde se len expresións como “ando moi atafegado coa Gramática. Tiraniza a miña vida”, ou “todo o meu traballo, mesmo as miñas leituras, están orientadas á Gramática de cuia posesión demoníaca desexo me liberar”. Mais non terminaron as súas preocupacións gramaticais coa saída do prelo da *Gramática elemental del gallego común* a finais dese mesmo ano, pois de inmediato terá de se pór a preparar as sucesivas edicións revisadas e acrecentadas da obra.

Por outro lado, Carvalho Calero, Ramón Piñeiro e Filgueira Valverde, como membros da Real Academia Galega, emprenden a finais da década de 60 unha rápida carreira por elaboraren, aprobaran e daren ao prelo unhas normas ortográficas do galego. Segundo a documentación que consta no arquivo da RAG so o rótulo de “Normas ortográficas 1970”, os tres dirixen un escrito ao presidente da entidade con data de 20 de novembro de 1969 en que lle comunican a entrega da proposta de normas para que a institución as adopte como propias e as publique e difunda nos medios de comunicación coa máxima urxencia posibel. Entre a restante documentación sobre o tema hai cartas de Carvalho e Piñeiro onde fica claro que o texto o elaboraron entre os tres citados e que o primeiro foi o encargado de lle dar a redacción final, após algunhas modificacións aprobadas polo plenario da RAG. Na documentación desta relativa ao ano 1970 hai unha notiña de Carvalho a Vales Villamarín, como secretario da entidade, con data de 17 de febreiro, na cal lle di: “Meu querido Segredario: O texto definitivo das Normas, modificado de acordo coas notas que toméi durante o debate, serálle certificado mañá”. Tamén hai copia dun escrito da RAG a Carvalho de 27 de febreiro en que o secretario lle comunica unha omisión ou lapso no texto oficial das normas que el debería subsanar coa máxima urxencia.

O propio Carvalho declarou ser “o redactor principal” desas primeiras normas académicas no libro de conversas con Fernán-Vello e Francisco Pillado, a admitir tamén a influencia das circunstancias políticas na súa confección e subrepticiamente a subordinación ao español, de modo que só se trataba, segundo el, de reflectir nelas o que xa era a práctica maioritaria da escrita, á espera da necesaria integración do galego no seu sistema propio, o galego-portugués, como innovación a realizar no futuro. Na ampla correspondencia entre Ramón Piñeiro e Basilio Losada publicada por Galaxia hai interesantes

referencias a ese proceso; así, en carta de marzo de 1971 Piñeiro escribía a Losada dicíndolle que o criterio da Academia e o de bastantes escritores “é de manter todas as afinidades razonablemente posibles do galego co portugués. Non se trata de aportuguesar o galego, pro sí de afirmar tódalas características comúns, non só pola comunidade de orixe senón porque a nossa expansión cultural ten como vía natural o ámbito luso-brasileiro”. Para Piñeiro, pois, como afirma Villanueva Gesteira, nese momento era importante potenciar a lingua escrita aproximándose ao portugués na medida do posible, idea que partillaba con Carvalho; e parece ser que tamén era ese o sentir maioritario da RAG. Embora Carvalho fose, con efecto, o redactor material das normas, fica claro que Piñeiro levou a dirección do proceso e, se callar, nesa altura ainda era más explícito que o profesor ferrolán á hora de se referir á proximidade entre galego e portugués.

Sexa como for, o caso é que as normas ortográficas da RAG, aprobadas formalmente o 15 de febreiro de 1970, respondían aos criterios acordados basicamente entre os dous membros destacados desa entidade e de Galaxia; nisto tamén parece acreditar Santamarina cando afirma que a filosofía da normativa académica de 1970 “era a da *Gramática* de 1966 de Carballo, supón que consensuada con Piñeiro”. O que logo acontecerá será que Carvalho vai ser coherente co seu pensamento a respecto da aproximación entre galego e portugués, en canto Piñeiro vai acabar por se someter aos postulados do ILG, creado en 1971 e acusado inicialmente por el de “non distinguir entre lingua falada e lingua escrita (poderíase decir que todo o reducen á fala)” e de “fanatismo antiportugués” (carta a Losada de marzo de 1971). En xullo deste mesmo ano o plenario da RAG aproba unhas normas morfolóxicas do galego que tamén foran elaboradas por Carvalho, Piñeiro e Filgueira, e que coliden co método de *Gallego I* do ILG, presentado publicamente case dous meses antes. Prodúcese, é evidente, un desencontro inicial entre este instituto universitario, por un lado, e a RAG e Galaxia, por outro, que presupón a ruptura dun certo consenso histórico no galeguismo a respecto da conveniencia de achegamento do galego ao portugués. Carvalho Calero, que era membro das tres entidades, manterase fiel a esa liña de pensamento galeguista e, coherentemente, irá dando pasos progresivos na vía da reintegración lingüística. Polo contrario, Galaxia e a RAG, ambas baixo o control de Piñeiro, irán virando cara aos postulados do ILG. Como consecuencia, vai explodir un conflito normativo que xa estaba latente desde había tempo e que atinxirá o punto máis alto na década de 80, ao tempo que os noutrora amigos e compañeiros de Carvalho en Galaxia e na RAG lle irán virando as costas até o converteren

nunha figura proscrita nos ámbitos institucionais e oficialistas. Eis o prezo do seu compromiso e da súa coherencia.

En definitivo, Carvalho Calero traballou en prol da lingua galega e ao servizo da nación con grande esforzo e dedicación, e con fidelidade aos principios galeguistas que defenderan Murguía, Castelao ou Vilar Ponte, entre outros. Así como durante a guerra civil loitou disciplinadamente a favor da causa da liberdade e da democracia, pagando o seu compromiso e a súa fidelidade coa privación da liberdade, unha vez conseguida esta e incorporado á vida civil na súa propia terra, traballou co mesmo esforzo e sacrificio ao servizo da causa galeguista, simbolizada no seu caso na defensa, estudo e dignificación do idioma propio, ben como na elaboración dunha proposta reintegracionista na procura de garantir o seu futuro. De certo que non foi o único da súa xeración en dedicar a súa vida a tan nobre causa, mais ninguén o puido facer con máis responsabilidade e disciplina.



Corunha, 22-05-82: Monterroso Devesa (apresentando a homenagem), Xaquín Villar (pte. O Facho), Jurjo Torres (pte. A.S-P.G.), Cesáreo Sánchez (pte. A.C. Alexandre Bóveda), Dna. Ma. Ignacia Ramos (mulher de Ricardo Carvalho Calero).

# Ricardo Carvalho Calero: onte e hoxe

MARÍA PILAR GARCÍA NEGRO

Non é destes tempos a nosa dedicación á personalidade e á obra de Ricardo Carvalho Calero. Fun alumna del no curso inmediato (1972-73) á obtención da súa cátedra de Lingua e Literatura Galega da Universidade de Santiago de Compostela e mais nos dous cursos seguintes. Ora, o meu contacto máis asiduo e cordial con el había producirse a partir de 1978, cando faltaban dous anos para a súa xubilación, e, a partir desta, na que foi derradeira década da súa vida. Non teño palabras para ponderar o seu maxisterio e o seu exemplo. Foi nesta etapa cando puden ler con máis vagar e atención unha obra realmente admirábel por moitos conceitos e en moitos capítulos.

Esta leitura combinou, en descoberta constante, textos de xéneros literarios e en formatos moi diferentes: a súa obra como creador literario, en poesía, narrativa, teatro; os seus estudos, ensaios e investigacións sobre lingua e literatura galega; e unha novedade da maior importancia: os seus artigos en prensa periódica, atentos á máis pontual actualidade e sempre acompañados do seu proverbial rigor e competencia como analista sociolingüístico ou aínda político, así como estudioso da nosa literatura en toda a súa diacronía. De modo e maneira que atrás ficaba o estudo da súa gramática ou da súa fundamental historia da literatura galega contemporánea, para este coñecemento de estudiante se arquecer notablemente coa instrución derivada dunha obra riquísima, atenta a todos os clásicos galegos, dotada dunha erudición usada sempre en beneficio do obxecto estudiado, con iluminacións que nos abrían a porta e a curiosidade a novas aproximacións, a novas esculcas.

Até a fin dos seus días traballou incansabelmente para a significación cultural da Galiza. A súa independencia de criterio, a súa lealdade aos ideais e

**MARÍA PILAR GARCÍA NEGRO** é profesora honoraria da Universidade da Coruña e escritora. As súas publicacións versan, fundamentalmente, sobre lingua, sociolingüística e literatura galega, con atención a autores como Rosalía de Castro, Lamas Carvajal, Castelao, Ramón Vilar Ponte, Manuel María, Novoneyra ou Marica Campo.



A autora apresentando a dom Ricardo, A Corunha, 18-02-82,  
n'Os Xoves Literarios da Asoc. Cultural Alexandre Bóveda

á praxe que o vincularan ao nacionalismo galego de pre-guerra, aniñado no Seminario de Estudos Galegos e no Partido Galeguista, seguiron sendo as súas credenciais no rexime que sucedeu a ditadura. Que triste paradoxo, que ironía da historia que o sistema constitucional-estatutario coincidise coa súa proscrición como intelectual, xustamente por se manter leal a aqueles principios anteriores a 1936! Non por casualidade, claro está. Non tiña cabida nen acomodo no *holding* “autoanémico”, nen no galego decretal, nen na obscura refacción dos clásicos galegos nen, moito menos, no entreguismo a un Estado especializado en negar dereitos básicos (lingüísticos, políticos, económicos...) de nós, galegas e galegos.

En 2010, centenario do seu nacemento, quixen recordalo editando o volume que dei en titular *Ricardo Carvalho Calero: a ciencia ao servizo da nación*. Nestas datas, acordei reeditalo, como homenaxe directa –antoloxía mediante de estudos e de textos ensaísticos da súa man– a unha obra que continúa sendo viva, útil e chea de suxestións para o noso presente. Animar a súa leitura demorada e atenta confortaranos nunha galeguidade tan precisada de reforzos e de instrución sobre nós mesmos. Que a celebración do Día das Letras Galegas sirva, pois, para este exercicio de (re)coñecemento e de avanza na nosa identidade conscientemente posuída.

# Vivências com Dom Ricardo Carvalho Calero

MARIA DO CARMO HENRÍQUEZ SALIDO

Nom vai ser umha tarefa simples escrever um trabalho absolutamente original sobre o sempre querido e admirado Professor Ricardo Carvalho Calero. E devo antecipar que os temas que vou mencionar tenhem sido analisados em diversos estudos (Henríquez Salido, 1991a, 1991b, 1999, 2006 e 2011). Como sabemos todos os que temos padecido a censura por seguir os postulados do nosso Professor (por exemplo na Universidade de Vigo, onde diziam que devia escrever em castelhano ou na suposta ‘normativa oficial’), nom sempre nos facilitaram difundir a nossa mensagem. Por este motivo, temos publicado em livros que *a priori* podem surpreender os nossos possíveis leitores ( Henríquez Salido 1991a, 1999, 2006 e 2011); o nosso propósito era fazer chegar a doutrina a todos os lugares, mesmo os mais afastados (universidades europeias, Henríquez Salido, 1999).

Das minhas vivências vou assinalar apenas quatro: a primeira a do curso académico 1965-1966 na Faculdade de Filosofia e Letras (Secçom de Filologia Romântica) na Universidade de Santiago, da qual tratarei nos parágrafos seguintes. A segunda tivo lugar nas duas primeiras semanas de agosto do ano 1972, quando Dom Ricardo me acompanhou à igreja de Sar em Compostela (era a minha paróquia), pois que o pároco precisava saber (por duas testemunhas) se nom estava casada em nengumha parte do mundo; a resposta fora: ‘até onde el sabia, nom estava casada’. A terceira será o dia 30 de outubro de 1980, quando lhe dedicamos um exemplar do livro de 1º de Bacharelato (Enríquez Salido e Fernández Pérez, 1980), em que se aplicavam ao ensino secundário as normas denominadas ‘de mínimos’, dedicatória que aparece

**MARÍA DO CARMO HENRÍQUEZ SALIDO** Nascida em Mugardos, Doutora em Filologia Romântica pola Universidade de Santiago de Compostela (1971), Catedrática de Universidade (1993). Nas suas linhas de investigaçom predominam os estudos sobre língua galega, metalexicografia, historiografia lingüística, história da língua espanhola, léxico jurídico espanhol e terminología jurídica.

como fotografia 137 (Concello de Ferrol, 2010). A quarta inicia-se no ano 1981, em que se legaliza a ‘Associaçom Galega da Língua’ (AGAL), e finaliza em Ferrol o dia 7 de janeiro de 1990, quando o acompanhamos na Câmara Municipal, para receber o título de ‘Filho Predilecto’. Desta última existe informaçom em Henríquez Salido (1984), na revista *Agália* e publicaçons como as *Actas* dos quatro congressos internacionais (1986, 1989, 1992 e 1996).

Foi nas primeiras semanas de outubro do ano 1965, quando conhecim o nosso novo Professor. Um grupo de alunos de 5º curso, integrantes da primeira promoçom de Filologia Românica, assistíamos pola primeira vez na história da Universidade de Santiago de Compostela às aulas de língua e de literatura galegas, disciplina encarregada a um professor já sexagenário, e da qual passará a ser Professor Catedrático em 1972, facto que o converterá na primeira persoa na história da Galiza a reger esta cadeira.

Nom sei, se os meus companheiros tinham conhecimento de todos os contributos publicados por Dom Ricardo, mas a maioria ignorávamos a sua trajectória investigadora, o seu labor docente no Colégio Fingoi de Lugo, e, sobretodo, a sua presença em factos de grande importânci da história da Galiza. Era um Professor digno do máximo respeito a quem escutávamos e admirávamos pola sua extrodinária memória e pola forma magistral, com que nos transmitia o seu saber e nos fazia sentir interesse pola língua e polos grandes escritores da literatura galega, como a excelsa Rosalia. E além do mais, mal conhecíamos os seus contributos no campo da Lingüística e Literatura Galegas; as suas aulas revelaram-se de grande ajuda, para que os primeiros licenciados em Filologia Românica, começássemos a reflexionar sobre o idioma e sobre a literatura da Galiza.

As aulas tinham lugar na Faculdade de Ciências, sita no pólo Sul, por estar em obras o edifício central da antiga e única universidade galega. Nesta matéria havia actividades teóricas (explicaçons e exposiçons do professor) e actividades prácticas, que consistiam (para além da leitura e análise de determinados textos) em entrevistas a informantes do nosso lugar de residênci, no meu caso Ogrove, ou mesmo em conversas com membros da família, como era o caso da minha mai, nascida e criada em Mugardos (‘Vila’ onde nascim). A língua das entrevistas e das conversas tinha que ser necessariamente o galego, umha forma inteligente de conseguir que esse grupo de futuros professores e investigadores, quase todos espanhol-falantes, reflexionasse sobre a funçom e o valor de umha língua minorizada. Umha vez publicada a *Gramática*, soubemos o propósito fundamental de tal recomendaçom, que nom era outro que esse contingente de gente jovem educada num nível superior, e na sua maioria

Anadia, 1 de Janeiro de 1984.

Minha boa e prezada Amiga

Desculpe a demora em responder à sua carta, tão simpática, de 14/12/83. É que tenho estado doente. A minha vida é de equilíbrio muito instável. Por isso, vejo-me obrigado a responder-lhe nos seguintes termos: gostaria de assistir ao "I Congresso International da Lingua Galego-Portuguesa na Galiza", na companhia honrosa do Prof. Carvalho Calero, mas receio não o poder fazer, esforçando-me, em tal caso, por enviar uma cunha mensagem escrita.

Compreendo perfeitamente a importância dessa iniciativa da AGAL para o futuro do movimento reintegracionista, para o qual tenho trabalhado há muitos anos e continuarei a trabalhar. Ainda há dias foi publicado um artigo meu no número 11 da prestigiosa "Revista Brasileira de ~~a~~ Lingua e Literatura", com o título: A reintegração lingüística galego-portuguesa. Um drama que afecta a nós todos. A meu pedido, essa Revista, de projeção internacional, foi enviada para a Galiza; e o seu director, Prof. Leodegário Azevedo Filho, teve a gentileza de me oferecer 10 exemplares para ofertas pessoais. Logo que os receba, pode a minha boa Amiga contar com um desses números, que bem o merece. Desejando-lhe, de todo o coração, um Ano Novo muito feliz, creia-me

amigo muito atento e agradecido,

mulheres, desse exemplo no uso da língua do País, com a consequinte mudança de mentalidade. Constatamos também a importância dos nossos inquéritos:

[...] Hay, pues, rotacismo o aspiración, como en andaluz: *derde, dehde* 'desde'. También se registra rotacismo en El Grove, donde se oye *derde, derdóblase* 'se desdobra', *xurgado* 'juzgado', *derbala o mar* 'baja la marea', *har de ir* 'has de ir' (Carballo Calero, 1966, nota 13, pág. 66).

Quando me convidou a participar a Professora Mercedes Brea na 'Homenagem ao Professor Constantino García' elaborei um relato sucinto sobre a situação dos estudos na Faculdade, que reproduzo literalmente:

O primeiro professor da disciplina [...] foi Dom Ricardo Carvalho Calero, quem com a sua chegada introduz certa ruptura com o extraordinário voluntarismo anterior. O nosso professor de galego tentava, em primeiro lugar, fixar perante os alunos o esquema de um ideal lingüístico do nosso idioma e manejando critérios geográficos, históricos e sociais apresentava-nos um "galego ideal", "um galego comum" e em segundo lugar familiarizava-nos com os trabalhos de campo de dialectologia e prosseguiu

com os estudos de toponímia; estes trabalhos práticos de recolha de material léxico tomavam como pauta os postulados da mais estrita Geografia lingüística, para destarte estabelecer os falares ou dialectos do galego (Henríquez Salido, 1991a, pág. 85).

On nossos seguintes contributos (Henríquez Salido 1991b, 1999, 2006 e 2011), nucleam-se sobre sobre a *Gramática*. Revelam no título a hipótese principal que é demonstrar a grande preocupación por manter a sua gramática actualizada, conforme o avanço dos estudos e das investigacions sobre o galego e, além do mais, nos conteúdos vemos umha clara consciéncia da neces-sidade de separar a língua popular da língua culta na constituiçom do galego comum, pois que a língua popular nom deve ser a única base para construir o galego exemplar. Centramo-nos nas ediçons 1<sup>a</sup> (1966), 4<sup>a</sup> (1974) e 7<sup>a</sup> (1979). As ‘rectificaçons’ mais notáveis já se registam entre a 1<sup>a</sup> (1966) e a 4<sup>a</sup> (1974), porém as mais importantes serán entre esta (4<sup>a</sup>) e a 7<sup>a</sup>. Implicam umha ex-plicitaçom mais clara da clássica doutrina da romanística e do nacionalismo galego. Dizia Dom Ricardo:

[...] A evoluzón que se observa nas distintas edizóns desta Gramática é unha evoluzón que segue unha linha absolutamente recta. Conforme avanzan os tempos e conforme se debilita o réxime imperante, vai acre-centando-se a liberdade con que un profesor pode expresar unha doutrina a propósito da língua galega, e aquilo que era inviável nos primeiros mo-mentos en que esta disciplina comezou a ser cursada, vai matizándose, vai convertendo-se en algo de posibilidades mais amplas [...] (Fernán-Vello e Pillado Mayor, 1986,págs. 175-176).

As rectificaçons som evidentes na ‘Orientaçom Bibliográfica’ (na 1<sup>a</sup> edi-com, ocupam só quatro páginas); na 4<sup>a</sup> (1974) aparece notavelmente transfor-mada, consta de 26 páginas. Alude claramente ao fundo da questom e deixa umha porta aberta à doutrina dos que defendem que o galego e português continuam pertencendo ao mesmo conjunto, ao mesmo *continuum lingüísti-co*. Na 1<sup>a</sup> (1966) construía um apartado específico enquadrado sob o título de “Galego, Português e Castelhano. Na 4<sup>a</sup> (1974) estabelece umha nova estru-tura e inclui um apartado “Galego e Português”(1974, págs. 58-64) e outra para “Galego e castelhano” (1974, 64-70), apartados que manterá na 7<sup>a</sup> (1979). Porém, na 4<sup>a</sup> (1974) já proclamava:

El gallego-portugués, el castellano y el catalán son las tres lenguas románicas que Menéndez Pidal registra en la Península. Es una clasificación irreprochable, y aun la más razonable desde un punto de vista técnico. Pero si admitimos que el gallego es un dialecto de aquella lengua, tenemos que considerar como otro dialecto el portugués. Se repite así, en el plano sincrónico, la bifurcación histórica del gallego-portugués. Todo ello es muy correcto desde un punto de vista estrictamente lingüístico, pero en la práctica se hace difícil considerar como un simple dialecto al portugués, idioma oficial de un Estado, con una importantísima proyección ultramarina y una copiosa y brillante literatura (Carballo Calero, 1974, págs. 71-72).

Todos estos dados, provam a extrema coerênciā do nosso Mestre e que os principios e axiomas sobre o galego nom som umha ocorrēncia “dos últimos anos”. Achamos mais ‘rectificaçōes’ nouros apartados da *Gramática e sucessivas edições* (podem ser examinados en Henríquez Salido, 1999), mas exigiriam muitas mais páginas.

## Referências bibliográficas

- Câmara Municipal de Anadia. 1984. “O reintegracionismo cultural e lingüístico galego-português”. Em : *Colectânea de Estudos em Homenagem a Rodrigues Lapa*. Anadía, págs. 22-35.
- Carballo Calero, Ricardo. 1979 [1966, 1974]. *Gramática elemental del gallego común*. Vigo, Editorial Galaxia.
- Concello de Ferrol. 2010. *Carvalho Calero de Ferrol para o mundo. Imaxe de cien anos*. Ferrol, Concellería de Educación e Universidade.
- Enríquez Salido, Ma C. e Fernández Pérez, X. L. 1980. *Língua galega*. León, Editorial Everest.
- Fernán-Vello, M.A. e Pillado Mayor, F. 1986. *Conversas en Compostela con Carballo Calero*. Santiago de Compostela, Sotelo Blanco.
- Henríquez Salido, M. do C. 1991a. “Contributos para umha história da lingüística galega (1964-1974)”. Em: Departamento de Filoloxía Galega. *Homenaxe ó Professor Constantino García*. Coordenado por Mercedes Brea e Francisco Fernández Rei. Santiago de Compostela, Universidade, II, págs. 85-93.

- Henríquez Salido, M. do C. 1991b. “A aplicaçom sucesiva da doutrina lingüística em textos do professor Carvalho Calero”. Em: *Ricardo Carvalho Calero. A razón da esperanza*. Vigo, Promocións Culturais Galegas, págs. 41-46.
- Henríquez Salido, M. do C. 1999. “As ‘rectificaçons’ nas edições da Gramática do Professor Ricardo Carvalho Calero”. Em: M. do C. Henríquez Salido e M. Á. Esparza. *Estudios de Historiografía Lingüística Hispánica. Ofrecidos a Hans-Josef Niederehe*. Departamento de Filología Española. Universidade de Vigo, págs. 65-96.
- Henríquez Salido, M. do C. 2006. “O significado de gramática do Professor Carvalho Calero no mundo luso-brasileiro”. Em: X. M. Cid (coord.) *Repensar a educación e a sociedade: realidades e desafíos*. Vigo, Universidade de Vigo, Servicio de Publicacións, págs. 333-345.
- Henríquez Salido, M. do C. 2011. “Ricardo Carvalho Calero ao longe”. Em: *Encontros con Don Ricardo*. Concello de Ferrol – Educación e Universidade, págs. 103-114.



Corunha, 22-05-82: Xunta Directiva da A.C. O Facho, amigos e alumnos: Francisco A. Vidal, Monterroso Devesa, Xaquín Villar (presidente), M<sup>a</sup> González Hortas, António Gil, Pura Tejelo, Joám Guisán, R.C.C., Xulio Veiga, Isabel Tovar, M.A. Fernán-Vello

# Carvalho Calero e Suárez Picallo

JOSÉ-MARTINHO MONTERO SANTALHA

Carvalho Calero nasceu em Ferrol em 1910, e Ramón Suárez Picallo nascera em Sada em 1894. Havia portanto uma diferença de 16 anos entre os dous. Porém, durante os tempos da segunda República espanhola o seu comum compromisso com o galeguismo, e mais ainda a sua comum militância no Partido Galeguista, juntou-os muitas vezes em actos públicos ou em encontros e reuniões de camaradagem. Reúno aqui alguns testemunhos dessa relação fraterna, nomeadamente testemunhos do próprio Carvalho, publicados por escrito (quer escritos por ele mesmo, quer originariamente orais e recolhidos e editados por outros).

## NO PARTIDO GALEGUISTA

Carvalho lembrava com nostalgia os tempos ilusionantes da fundação do Partido Galeguista, pouco depois de estabelecer-se a República, no qual a figura de Suárez Picallo era uma das mais destacadas:

“eran momentos de euforia e de esperanza. [...] Todos estávamos mui ilusionados, un pouco inxenuamente. Havia unha grande frecuencia de actos públicos, nos que interviñan principalmente os grandes oradores do Partido. Os grandes oradores do Partido eran Castelao, Otero Pedrayo, Suárez Picallo...”<sup>1</sup>

**JOSÉ-MARTINHO MONTERO SANTALHA** nasceu na freguesia e concelho de Cerdido (A Coruña) em 1947. Professor (agora jubilado) de Língua e Literatura Galega na Universidade de Vigo. Membro (e fundador) da Associaçom Galega da Língua (AGAL) e da Academia Galega da Língua Portuguesa (AGLP). Autor, entre outras obras, de *Carvalho Calero e a sua obra*, Edicións Laiovenzo, Santiago de Compostela 1993

Dentro do Partido Galeguista prevalecia, por cima das diferentes preferências pessoais, um sentimento de cordial fraternidade; aí entrava a sua amizade fraterna com Suárez Picallo:

“no seio do Partido Galeguista tiven contactos e relacións moi cordiais con muita xente mui coñecida [...] muitísima xente que non podemos esquecer. Por exemplo, Suárez Picallo, que foi tamén un grande amigo meu e que era un grande orador, un home que dominaba a oratoria política de xeito maxistral, sendo un autodidacta sen formación universitaria, pero posuía un grande talento e unha capacidade de tribuno popular semellante ao que posuiu no seu tempo Basilio Álvarez”<sup>2</sup>.

Na época republicana Suárez Picallo era famoso sobretudo como orador. Carvalho louvou repetidamente os dons de Suárez Picallo nesse campo:

«A oratoria de Suárez Picallo [...]»

Suárez Picallo era un «rillote galego»: esta era a definición que Castelao dera del e que repetía orgullosamente o próprio Suárez Picallo. Era un gran orador político, gran orador de masas pero non un vulgar demagogo sen escrúpulos. Era un home de grande emoción galega, moi intelixente, que, de extracción humilde e de escasa formación cultural inicial, se elevava até chegar a seguir, e incluso rematar, a carreira de Dereito.

Era un grande tipo, desde logo; desordenado, incapaz de organizar a sua vida con arreglo a un horario concreto, grande transnoitador, pero orador eficacísimo, un dos grandes oradores do Partido Galeguista. Non orador á maneira de Otero Pedrayo, que era un poeta [...]. Nin tampouco un orador como Castelao, un orador de transparente dicción [...]. Suárez Picallo era más orador que estes dous grandes oradores, no sentido de que era un orador más pegado á realidade circunstancial de cada momento e estaba más exercitado na dialéctica asamblearia. El forxárase na loita sindical en América e tiña moita práctica na oratoria de asamblea. [...]

Suárez Picallo tiña más o carácter propio de orador político capaz de improvisación, cousa que non era o forte de Castelao, e ao mesmo tempo más cinxido á realidade da política que Otero. Constituían unha equipa formidable para os mítins estas tres figuras...”<sup>3</sup>

Das intervencións de Suárez Picallo no Parlamento español comentava Carvalho:

“Este outro magnífico Ramom, que ganhou como rapaz na pesca a sua primeira peseira, este «rilhote galego», como el próprio gostava de definir-se assumindo a fórmula com que o definira Castelao, forjara-se na luta sindical e societária da emigración argentina. Era orador nato, dotado de umha poderosa garganta. «Um home pegado a umha voz», caracterizou-no com quevedesco acerto dom José Ortega y Gasset. A sua formação obreira riopratense deixara intacta a sua emoción galega, e a sua cordialidade com os intelectuais do Partido era espontánea e profunda. Mais experto que todos eles na oratória de assembleia, as suas intervencións parlamentarias sobre problemas concretos foron mui numerosas”<sup>4</sup>.

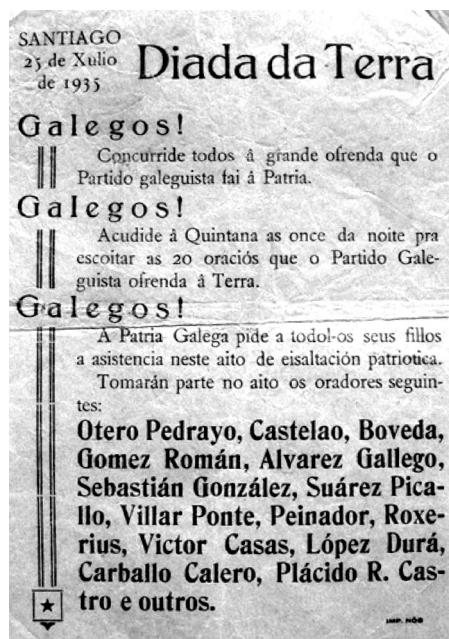
Como uma amostra entre muitas outras notícias de actividades do Partido Galeguista que se podem achar nos jornais da época, podemos citar esta informação do jornal viguês *El Pueblo Gallego* do dia 25 de outubro de 1932, onde vemos Suárez Picallo actuando na zona da ria de Ferrol (em Maninhos, freguesia do concelho de Fene, e na cidade de Ferrol) em companhia de Carvalho Calero:

#### «Actos galleguistas del domingo»

El Ferrol.- El domingo se celebró en Maniños un importante acto de propaganda autonomista, organizado por el grupo ferrolano del Partido Galeguista.

En él tomaron parte los señores García Pereira, Vizoso y Carballo Calero, que fueron grandemente aplaudidos.

Después habló el diputado a Cortes Ramón Suárez Picallo. [...]



Carvalho Calero e Suárez Picallo aparecem juntos em muitas actividades do Partido Galeguista.

Su discurso fue subrayado continuamente por calurosas ovaciones.

Por la tarde, el Sr. Suárez Picallo dio una conferencia en el Centro Obrero de Cultura, de El Ferrol.

Hizo la presentación del conferenciante el Sr. Carballo Calero.

El diputado galleguista brindó un detallado índice de problemas galianos, de palpitante actualidad, siendo escuchado con expectante atención por el numeroso auditorio que llenaba el salón, que tributó al Sr. Suárez Picallo entusiastas aplausos”<sup>5</sup>.

## NA GUERRA CIVIL ESPANHOLA

Nos dias prévios ao começo da guerra civil Carvalho achava-se em Madrid preparando-se para umas iminentes oposições à docência oficial. Nisso estava quando estalou a rebelião militar. Nesses dias dramáticos pôde compartir conversa com amigos galegos, entre eles Suárez Picallo:

“Alá, en Madrid, estaban muitos amigos meus, porque, como é sabido, acababa de ser plebiscitado o estatuto de Galiza e unha comisión de parlamentarios e autoridades acudira a Madrid para entregalo oficialmente. [...] alí estaban Castelao, Suárez Picallo, que eran deputados; recordo ter falado muitas veces con eles por aqueles primeiros dias”<sup>6</sup>.

Na segunda parte do romance *Scórpio* de Carvalho Calero (que é em grande medida um romance autobiográfico) contam-se acontecimentos relativos à guerra civil espanhola.

Os capítulos iniciais desta segunda parte narram as semanas anteriores à rebelião militar que daria começo à guerra. O primeiro capítulo situa-nos nos finais de junho de 1936. Carvalho encontrava-se hospedado numa pensão em Madrid, aguardando o começo das provas oficiais para acceder à docência no ensino secundário. Os candidatos estavam aproveitando esses dias prévios para estudar intensamente. Porém, para ter algo de descanso no estudo acudiam por vezes aos cafés. É aí onde se encontraram um dia com dois deputados do Partido Galeguista; aqui não se nos diz os seus nomes, mas num capítulo posterior saberemos que são Castelao e Suárez Picallo:

“Estudamos muito, esperando que nos corresponda actuar. Imos muito polo Ateneu consultar livros raros. E um pouco, a descansar no café. Um

café da rua de Alcalá: *Negresco* [...]; *La Granja El Henar* [...]; *Aquarium* [...]. Ou o *Lucky Club*, num andar da Gran Vía, onde Rafael me apresentou a dous deputados galeguistas. Como os galegos votaram o seu Estatuto, estám pendentes de que o aprovem as Cortes.

No capítulo 16 desta segunda parte já começou a guerra. Aqui narra-se uma visita de Carvalho (Rafael no romance) a Castelao na sua pensão; e chega também ali o deputado Suárez Picalho:

Estamos em guerra, e nom sabemos cando esta guerra acabará. [...]

Rafael levou-me a ver o deputado Castelao. Estivemos bastante tempo na pensom em que vive. Chegou outro deputado galeguista, Ramom Suárez Picalho. Conhecia algo ambos, porque Rafael mos apresentara no *Lucky Club*. [...]

“Que chefe político perderom os facciosos coa morte de Calvo Sotelo!”, di Suárez Picalho. “Foi um assassinato, hai que condená-lo; mas como negar que restou à rebeliom um tanto importantíssimo? Quem senom Calvo Sotelo ia ser o caudilho político do movemento subversivo?”<sup>7</sup>

O fim da guerra civil marcaria a separação entre os dois amigos, que já não voltariam a encontrar-se: Suárez Picallo no exílio americano e Carvalho Calero na prisão primeiro e depois no longo exílio interior.

---

#### Notas

<sup>1</sup> M[iguel]. A[nxo]. FERNÁN VELLO / F[rancisco]. PILLADO MAYOR, *Conversas en Compostela con Carballo Calero*, Sotelo Blanco Edicións, Barcelona 1986, pág. 76.

<sup>2</sup> Carmen BLANCO, *Conversas con Ricardo Carballo Calero*, Editorial Galaxia, Vigo 1989, pp. 64 e 66.

<sup>3</sup> Carmen BLANCO, *Carballo Calero: política e cultura*, Ediciós do Castro, Sada - A Corunha 1991, pág. 33.

<sup>4</sup> Ricardo CARVALHO CALERO, *Letras galegas*, Associaçom Galega da Língua (AGAL), A Corunha 1984, pág. 80.

<sup>5</sup> *El Pueblo Gallego* (Vigo), núm. 2678, terça-feira 25 de outubro de 1932, pág. 9. O mesmo jornal viguês oferecia três dias mais tarde uma exposição mais pormenorizada destes actos: *El Pueblo Gallego* (Vigo), núm. 2678, sexta-feira 28 de outubro de 1932, pág. 8.

<sup>6</sup> Carmen BLANCO, *Conversas con Ricardo Carballo Calero*, Editorial Galaxia, Vigo 1989, pág. 33.

<sup>7</sup> Ricardo CARVALHO CALERO, *Scórpio*, Sotelo Blanco Edicións, Santiago 1987, segunda parte, capítulo 16, pág. 248. Todo o romance *Scórpio* está posto em boca de narradores diferentes do protagonista, artificio imposto pela estrutura formal do romance, já que o protagonista, chamado Rafael, que personifica mais de perto a figura do próprio Carvalho, não fala nunca.

# [De] Santiago, Ferreira, do Vale...

JOSÉ-MA. MONTERROSO DEVESAS

“Creio que devia publicar algumha nota sobre tais extremos nalgum sitio, para que pudéssemos os estudosos da nossa literatura referir-nos a eles cando calhasse”.

*R. Carvalho Calero em carta ao que subscreve, 10-10-1983.*

**S**egundo o generoso conselho do lembrado D. Ricardo, e com base na segunda ediçom (Vigo, 1975) da sua monumental *História da literatura galega contemporánea* e também num nosso trabalho mais extenso (*Revista Agália*, núm. 29, 1992) é que trazemos aquí estas três figuras e o que pudemos documentar delas a maiores... a última, trazida aquí agora, nom pertecendo, *stricto sensu*, à nossa literatura, como o mesmo Carvalho tem puntualizado (ver o seu artigo, de 1984, “O verdadeiro Valle Inclán”)... sem por isso deixar de se referir a tal vulto em meia dúzia de citas naquela *História*.

## UM POETA GALEGO MENOS, OU O HOME QUE NUNCA EXISTIU (dumha minha carta póstuma a D. Ricardo, 25-05-1990).

Em consultando o recém saído *Diccionario de escritores en lingua galega*, de F. Fernández del Riego (Vigo, 1990), vimos quase seguidas as entradas SALGADO SOMOZA e SANTIAGO SOMOZA; entom naceu-nos a suspeita que logo se confirmou: eram a mesma pessoa.

**JOSÉ-MA. MONTERROSO DEVESAS** (A Corunha, 1944) Coordenador do presente caderno, tem publicado diversas obras de poesía e ensaio, amais de colaborar (mesmo cofundando algun) em projectos colectivos (associaçons culturais, literárias e lingüísticas). É colaborador habitual na revista AREAL e tamén autor dalgúns Cadernos editados pola A.C. Irmáns Suárez Picallo.

Ao querido amigo Matheus Devesa,  
com cordialidade de sempre.  
J. Carvalho Calero

Ourense, 21 Setembro 1884

Tudo partiu de Eugenio Carré (*Literatura gallega*, Barcelona, 1911) quando atribúe a Antonio SALGADO Somoza o Soneto “O gílgaro calou...”, dedicado à memória de Alberto Camino (1820-1861), ao tempo que silêncio tal dedicatória e troca (gílgaro, ja, giada) “g” em “x”, pondo umha cruz antes do nome do poeta. Poeta que nom era outro que Antonio SANTIAGO Somoza, como si consta no Álbum de la Caridad (Corunha, 1862, pág. 739 da reed. Madrid, 1989), coa ortografía original, a mesma que se apreza em *El Idioma gallego* (Corunha, 1886, de Antonio de la Iglesia, tomo I, pág. 147 da reed. Corunha, 1977).

Dom Ricardo fala do Sr. SANTIAGO, morto em Madrid o 24-12-1895, à pág. 123... para logo se referir, em breve, ao Sr. SALGADO na pág. 515, declarando a Carré como a sua fonte. É que dom Eugénio coa sua erudiçom tivo e nós como moradores na capital corunhesa temos o binómio Salgado Somoza na nosa mente. E é que no nosso nomenclátor urbano figura a rua SALGADO Somoza (que lembra ao escritor e jurisconsulto corunhês, Francisco de nome, morto em 1664 em Alcalá la Real, donde era abade, a mais de ter ostentado a dignidade de presidente de Castela): J. Naya Pérez, em *Calles y plazas coruñesas I* (Corunha, 1970) dá-nos estes dados que bebeu em José Pardiñas (*Varones ilustres de Galicia*, Corunha, 1887, reed. Coruña, 1991).

Foi, pois, Carré Aldao quem, co seu *lapsus*, déu origem a tam curiosa confusom.

## **UMHA PORTUGUESA CAMUFLADA**

(dumha minha carta a Carvalho, dous messes antes do seu passamento, 19-01-1990, com estrambote actual).

É do caso, lembrado Professor, que no Arquivo Histórico Diocesano de Santiago de Compostela (AHDS) acabo de achar, em Sam Jorge da Corunha, a partida de baptismo de Francisca Herrera Garrido, nascida o 6 de Mayo de 1869, filha de Manuel e de Josefa, da mesma freguesia, e neta paterna de António e Maria Silvestra Hernández, esta da mesma paróquia e aquela, atençom, “de Angara (sic), en Portugal”, é de supor Angra do Heroísmo, nos Açores.

Ora, como esse Herrera português era estranho, seguim rastejando e topei, em 1819, com a acta da baptismo do pai, Manuel Ferrera (sic), “hijo de Antonio Ferrera, de San Mateo, Angra”, donde se deduz que a versom original do castelhaníssimo Herrera fora, neste caso, Ferreira! Algo do que se passou com os Linares-Rivas (que foram Liñares/Linhares) ou os cervejeiros Rivera (Ribeira que foram).

(Por certo que, algum tempo, estivem acarinhando o possível parentesco com Fanny Garrido que, por idade, bem poderia ser sua tia, esta, Francisca [González] Garrido e García... até que em 2017 me foi dado saber que o pai de Fanny era o médico berciám Francisco González Garrido, em tanto a mai de Francisca Herrera/Ferreira era a corunhesa Josefa Garrido Matos).

## **QUEM MAIS VAL, NOM VAL TANTO COMO VAL VAL?**

Ramón José Simón del Valle-Inclán y de la Peña retomou o nome de família duplamente astur, assim resultante do matrimónio (em Sam Martinho de Sobrám, 1735) de seus trisavós -e sextos-avós de quem subscreve- Pablos del Valle e Ma. Antonia de Ingrán [Inclán] e incorporou ao primeiro nome de pia o Maria que nom consta na sua acta de baptismo, único documento relativo ao seu nascimento.

Quer-se dizer que um filho daquel casal, José Antonio del Valle Inclán, foi pai de Carlos, avô de Ramón e bisavô do genial literato, outro Ramón... todos a utilizarem ou nom os dous nomes de família unidos. (Sendo o filho primogénito do casal Francisco del Valle Inclán, o famoso fundador de “El Catón Compostelano”).

Ora, há quase trinta anos pudemos comprovar, no Arquivo Historico Diocesano de Mondoñedo (AHDM) (e assim foi publicado em *Estudios Mindonienses* núm. 14, 1998, em *Cuadrante* núm. 23, 2011, e no *Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa* núm. 7, 2014) que “el dia veinte y cinco del mes de Henero del año de mill sietecios. y cinco Yo el infrascripto Cura que soy desta fra. de Sta. María de Bares baptizé y pusse los sanctos Oleos a un niño a que pusse nombre Pablos, hixo lexmo. de Andres do Vale y de Antonia da Pena su muger, vznos. desta fra.“. Pablos era filho de Andrés “de Bale” [e Rodríguez Souto] e neto paterno de Francisco “de Bale” [Celeiro], todos, alternando com de Vale/do Vale, etc., da citada Santa Maria de Vares, no bispado de Mondonhedo.

Paralelamente, o arquivo familiar dos Valle-Inclán contém umhas informaçons que botariam por terra a versom galega do nome de familia. Com efeito, Pablo del Valle (sic) ao casar, nom teria espanholizado o Do Vale nativo, mas si recuperado o Valle dos ancestrós astur-leoneses, insolitamente galeguizado nos livros sacramentais de Vares através de, quando menos, meio século.

Nessa documentaçom familiar consta Pablo, filho de Antonio (contradi-zendo o Andrés das várias actas eclesiásticas) del Valle, neto de Francisco del Valle, bisneto de Juan del Valle, leonês da área da Banheza avizinhado em Vares e, daí para trás, trisneto de Pedro del Valle de Gijón, e este filho de Andrés de Gijón, neto de Juan de Gijón e bisneto de Pedro de Gijón, só este natural de Astúrias... estirpe deduzida dumha carta de fidalguia de 1556.

Entom, estamos perante um nome astur galeguizado ao se radicar no nos-so país... ou diante dumha falsa prosápia armada, quando e por quem, nada infrequente naqueles tempos? (Por certo, Valle é nome de familia típico do Principado, como o eram, por exemplo, os avós maternos do nosso Jenaro Marinhias, naturais de Vila Viçosa de Astúrias). Fidalguias abondo tinha dom Ramom muito mais próximas e galegas... e fidalguia artística legitimamente ostentou, ganhada por si amplamente.

Melhor fora um Vale galego, mas de admirar é um Valle galeguizado!

# Ricardo Carvalho Calero

CAMILO NOGUEIRA

Ocupando momentos principais do século XX, a acción cultural, académica e política de Ricardo Carvalho Calero manifestóuse como galeguismo especialmente frente ao tempo da transformación do reinado de Afonso XIII nunha Ditadura e xa na República, dentro da presenza principal de Otero Pedraio, Castelao ou Bóveda, querendo a Galiza como un Estado Libre, con plena soberanía. Tivo un singular entendemento con todos eles.

Co levantamento militar encabezado polo xeneral Francisco cos decisivos apoios de Hitler e Mussolini e co abandono culpábel das potencias europeas, cando Carvalho procuraba en Madrid a materialización do profesorado de Filosofía e Letras, integróuse no campo republicano, participando na defensa da capital. Depois de caer en Andalucía, foi submetido a un cruel Consello de Guerra.

Mesmo perseguido pola Ditadura, durante o franquismo mantivo unha imensa obra educativa e cultural. Continuóuna depois de 1978, morrendo en 1990. Depois de retomar o ensino entre os anos sesenta e setenta até recuperar a cátedra en Compostela, Carvalho manifestárase pública e inequivocamente sobre a identidade galego-portuguesa da língua nacida en Galiza.



Ricardo Carballo Calero

**CAMILO NOGUEIRA** foi deputado no Parlamento Galego (1981-1993 e 1997-1999) e no Parlamento Europeo (1999-2004), onde utilizou o galego-portugués. Na actualidade é membro da Executiva do BNG e responsable de Relacións Internacionais.

Tratei a Ricardo Carvalho Calero sobre 1982. Caida a Ditadura franquista, e recoñecida Galiza como Nacionalidade, a consecución dun Parlamento propio foi o resultado dunha singular batalla democrática.

Desde esa realidade, a primeira Lei entre as formuladas e aprobadas polo Parlamento de Galiza, como outras próximas, por iniciativa de Esquerda Galega, foi a Lei de Normalización Lingüística.

Lembrando a obra presidida por Rosalía Castro e a de todo o galeguismo, a acción de Carvalho Calero respondeu a realidades presentes e históricas inequívocas, como a do galego como “Língua Nacional e Universal”.

Non se pode esquecer que se no texto presentado por Esquerda Galega se integraba explicitamente no Limiar a identidade histórica e presente do galego e do portugués, unha parte dos membros do Parlamento o impidiu. Tampouco que representantes en Galiza do poder estatal negaron a inclusión do deber de coñecer o galego aprobado no Parlamento, unha forma profundamente agresiva, que o deixa en inferioridade a respecto do castelán.

Duas desgraciadas realidades a superar axiña, Necesariamente.



Ricardo Carballo Calero, 1928

# Carvalho Calero entre Rosalía e Castelao

HENRIQUE RABUÑAL

Carvalho Calero pasou a vida estudiando e escribindo con especial dedicación a dúas figuras, Rosalía de Castro e Castelao. Na súa opinión, son dous autores que sumando as súas achegas artísticas e os seus compromisos cívicos acadan a condición de heroes nacionais, os que representan no seu grao máis alto a galegidez, quen mellor reflecten e representan o país que os idolatra e que os converte en lenda. En *Sete poetas galegos* (1955) Rosalía é unha das figuras escollidas. Ela e Castelao son protagonistas das *Aportaciones a la literatura gallega contemporánea* (1955), da *Historia da Literatura Gallega Contemporánea* (1963) e do *Breviario antológico de la literatura gallega contemporánea* (1966).

## ROSALÍA

A Rosalía dedicou Carvalho moitas horas de traballo e uns cincuenta escritos desde 1949 até os últimos anos da súa vida. Excelente parécenos “Arredor de Rosalía” en *7 ensayos sobre Rosalía*, (1952) organizado en dezaoito unidades nas que se aborda o mundo rosaliano en toda a súa complexidade incluída a poesía e a novelística en castelán.

A Rosalía dedica o seu discurso de ingreso na RAG en 1958 *Contribución ao estudo das fontes literarias de Rosalía*. O discurso parte dunha idea moitas veces expresada polo autor da profunda relación que hai entre a figura de Rosalía e o noso pobo. Resulta un texto moi erudito que fai tamén análise da novelística rosaliana. Ricardo puido usar na RAG os papeis de Murguía pro-

**HENRIQUE RABUÑAL.** Pastoriza (Arteixo, A Coruña), 1962. Escritor e profesor. Doutor en filoloxía galega pola USC e catedrático de lingua e literatura galegas no IES Ramón Menéndez Pidal da Coruña. Autor da biografía *Ricardo Carvalho Calero* que publica Galaxia (2019).

piedade de Xoán Naya. En 1979 recompila os *Estudos Rosalianos. Aspectos da vida e da obra de Rosalía de Castro*, un conxunto de trinta traballos publicados entre 1949 e 1977 que abordan todos os aspectos da vida, a obra poética e novelística, a lingua e a bibliografía rosaliana. Entre eles *Particularidades morfológicas del lenguaje de Rosalía de Castro* (1972) agora co título de “O galego de Rosalía”. Trátase de escritos agrupados por temas, revisados e ás veces refundidos dos que exclúe a introdución á edición de *Cantares* e o discurso de ingreso na RAG.

A este labor debemos sumar as diversas edicións en Anaya e

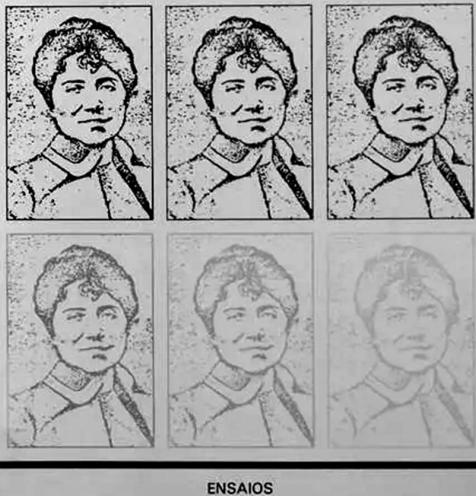
Cátedra de *Cantares gallegos* (1963; 1974). A edición de Anaya, cuxa colección dirixen Correa Calderón e Fernando Lázaro, contén o libro de Rosalía só en galego precedido dunha introdución á vida, á obra e ao libro, un comentario sobre edicións e bibliografía e o texto con notas e un glosario. Carvalho parte sempre da segunda edición da obra, a última publicada en vida da autora. Nesa liña está a edición en Cátedra para o público castelán dos *Cantares gallegos* de Rosalía de Castro. O texto tamén figura só en galego, precedido dunha introdución, notas e glosario. En 1973 publica con Lydia Fontoura a edición das *Poesías rosalianas* que contén *Cantares gallegos*, *Follas novas* e *En las orillas del Sar* partindo respectivamente das edicións de Anaya, Galaxia e Anaya. A primeira edición contén unha “Nota editorial” asinada por Carvalho en Compostela no 30 de decembro de 1972. Para el Rosalía é “a personalidade máis relevante da literatura galega moderna” (1973: 7). A segunda, terceira e cuarta edicións apareceron en 1976, 1982 e 1992.

Traballos sobre Rosalía aparecen en *Sobre lingua e literatura galega* (1971), *Da fala e da escrita* (1983) e dez estudos en *Estudos e ensaios sobre literatura galega* (1989). Carvalho colabora con “A meninha gaiteira e o bom bergantinhám” no especial de *A Nosa Terra Rosalía viva* (1984), con

## ESTUDOS ROSALIANOS

ASPECTOS DA VIDA E DA OBRA  
DE ROSALÍA DE CASTRO

Ricardo Carballo Calero



ENSAIOS

“Núcleos significativos do legado de Rosalía” no volume *Rosalía de Castro: unha obra non asumida* (1985) ou con “Rosalía, umha rosa de cem folhas”, nas *Actas do Congreso Internacional de estudios sobre Rosalía e o seu tempo* (1986) presidindo o seu Comité Organizador. Tamén se ocupou de “A poética de Follas Novas” nunha *Homenaje a G. Torrente Ballester* (1981) e de “La obra castellana de Rosalía” nuns cursos da Fundación Alfredo Brañas (1986).

## CASTELAO

Ao grupo Nós no seu conxunto e aos seus autores dedicou Carvalho moitos traballos desde “A xeneración de Risco” (1934) até a obra póstuma *El grupo Nós* (2019). Colaborou co traballo “Nós, onte, hoxe e mañá” no *Cincuentenario de Nós* (1970). En 1979 publicou un volume sobre *Teatro Nós* con obras de Otero, Risco e Castelao. Sempre se sentiu discípulo, continuador e herdeiro das ensinanzas dos mestres de Nós, en particular de Otero e de Castelao. Con Castelao, Carvalho vive os tempos felices do Seminario de Estudos Galegos, a intensa actividade política do Partido Galeguista e os anos da guerra en Madrid e Valencia.

Sobre Castelao tamén traballa desde os anos 60 e até os últimos momentos. En 1975 publica nos *Cuadernos para el diálogo* “Castelao narrador” e no nº 357 do *Boletín da RAG* “Esquema argumental de *Os vellos non deben de namorarse*” e “Castelao e a súa lingua”.

Magnífico orador, para Ricardo, Castelao entende, explica e interpreta a nación e faino sempre usando a fala de noso. Nese sentido sucede a Rosalía e acada con ela un estatuto ao que non chegan outras figuras da cultura contemporánea. Castelao realiza unha literatura patriótica que encerra o proxecto ideolóxico impulsado polas Irmandades, o grupo Nós e continuado nos mozos do SEG. Para Ricardo, Castelao fora un amigo, un colaborador e un auténtico mestre, un pai da nación: “Se Castelao nom vivesse, a Galiza, tal como nós a concebemos, tampouco podería viver” (1989: 23).

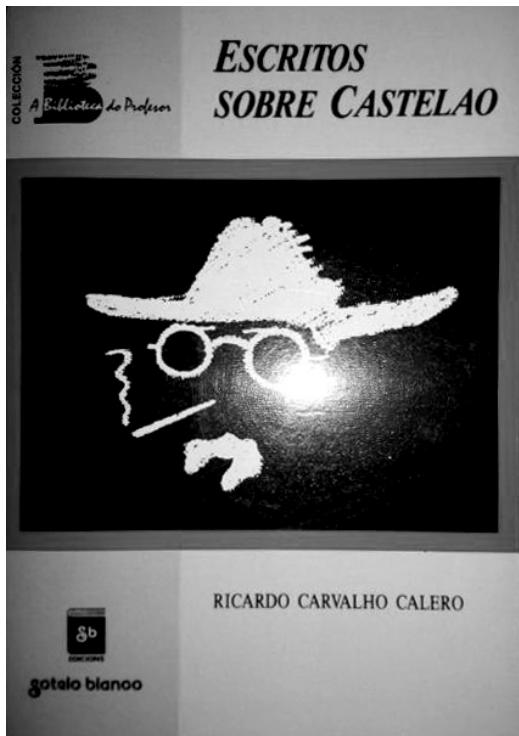
En *Libros e autores galegos: século XX* (1982) figuran oito traballos sobre Castelao (1961-1980) incluída a súa colaboración no BRAG de 1975. En 1983 publica unha *Antología literaria bilingüe*, de Castelao e en 1984 colabora con “Teatro en Castelao” na obra *Castelao: contra a manipulación*. En *Letras Galegas* (1984) aparecen cinco traballos sobre Castelao. Con “O motivo do retrato en dous contos de *Retrincos*” colabora no volume *Castelao e Bóveda. Irmáns!!* (1986). Co artigo “Castelao e a nosa lingua” participa en

1986 en *Castelao 1886-1986*, unha publicación do Concello das Pontes. En 1986 considera a Castelao moi radical nas súas opinións sobre a confluencia de galego e portugués e opina que se se proscribe o reintegracionismo, Castelao debía estar proscrito.

Co traballo “La narrativa de Castelao” colabora nuns cursos da Fundación Alfredo Brañas (1987) e con “A estrutura narrativa de Retrincos de Castelao”, nas *Actas das I Xornadas de Didáctica da Literatura* (1989).

En 1989 publícase o seu memorábel “Castelao agora e sempre” nas *Actas do Congreso Castelao*. Outros traballos figuran en *Estudos e ensaios sobre literatura galega* (1989). Recomenda con Castelao non facer necroloxía senón biografía rigorosa, e móstrase contrario á deturpación de Castelao cando afirma “Ainda estamos enterrando a Castelao”. En *Escritos sobre Castelao* (1989) reúne diversos traballos dos anos 60, 70 e 80 como a súa comunicación nas *Actas do II Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza* “Bilingüismo e reintegracionismo nas cartas cruzadas entre Castelao e Sánchez-Albornoz”: algúns de investigación, outros conferencias ou crónicas xornalísticas. Algúns xa editados pero outros inéditos. No libro estúdase a narrativa, o teatro, a lingua, a biografía e o lugar que ocupa o rianxeiro na historia galega.

Carvalho foi sen dúbida un dos mellores coñecedores, estudosos e divulgadores desas dúas figuras que forman parte dese conxunto de egrexias personalidades da nosa cultura ao que por méritos propios pertence o polígrafo ferrolán. Con toda xustiza recibiu en 1984 a medalla Castelao. E en 2020 será o protagonista das Letras Galegas que el mesmo encarna e representa como creador e investigador.



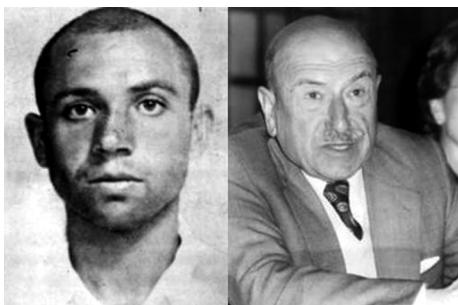
# O nacionalismo de Ricardo Carvalho Calero

FRANCISCO RODRÍGUEZ

Voume referir a este aspecto da configuración mental dun home galego que se caracterizou pola fidelidade ao ideario nacionalista, malia pasar por circunstancias tan adversas, críticas e ameazantes, desde o momento xa en que, sendo áinda mozo, formou familia propia, coas responsabilidades derivadas. Fágoou consciente desta palabra, hoxe máis que na súa época, resultar proscrita, interdita e terxiversada no seu sentido orixinario, prístino e xenuíno.

Este non é outro que: ideoloxía que defende o dereito á liberdade dos pobos ou nacións oprimidos, a través do exercicio do dereito de autodeterminación, de forma que decidan libremente o seu destino, en forma de instauración dun Estado propio, independente, ou de forma federal xenuína, isto é con soberanía partillada con outras nacións. Digamos xa que Ricardo Carvalho Calero era un nacionalista *autodeterminista*, como el mesmo se cualificaba tamén nos derradeiros anos da súa vida.

Semellante identificación ideolóxica xa nos coloca perante unha sintomática peculiaridade deste home que nunca militou en ningún outro que non fose o Partido Galeguista na época da II República española. E aclaremos, con total contundencia, que se trataba dun partido nacionalista, tal e como



Miguel Hernández e Carvalho Calero nasceron o mesmo dia, com horas de diferença

**FRANCISCO RODRÍGUEZ**, profesor xubilado, escritor, autor da primeira tese de doutoramento sobre Rosalía de Castro nunha Universidade Galega en 1988. Actuou de presidente do Tribunal cualificador, Don Ricardo Carvalho Calero. Foi o seu último acto académico na Universidade de Santiago.

figura nos seus Estatutos e no seu programa, inspirado en moitos aspectos, ou desenvolvemento, no *Manifesto* das Irmandades da Fala de 1916. Cal é a peculiaridade rechamante? Nun contexto como o ferrolán, moi en especial, entre 1914 e 1936, a ideoloxía que resultaba atraente, como transformadora, en amplos sectores populares, obreiros en particular, e en cualificados sectores profesionais e intelectuais, era o socialismo de inspiración marxista. O mozo Carvalho Calero formouse nesta atmosfera, como alternativa ao capitalismo que un réxime de democracia fraudulenta como o da Restauración representaba nas súas facianas más represivas. Tanto é así que xa o temos con dezaoito anos, sendo estudante de Dereito en Compostela, impartindo no Centro Obrero de Cultura de Ferrol un 13 de xullo de 1929 unha palestra *En torno a las ideas comunistas de Platón*. Non cabe dúbida, e así o manifestou o mesmo Carvalho, que foron socialistas ferroláns como Xaime Quintanilla, Matías Usero e Manuel Fernández, os que impulsaron e comentaron a súa intervención pública inicial, oral e por escrito, na cidade natal. Todo favorecía, pois, a militancia no PSOE.

Porén, o mozo Carvalho optou por comprometerse desde o inicio co Partido Galeguista, co nacionalismo, que era entón moi minoritario, testemuñal, en especial en Ferrol. Non acreditou para nada na viabilidade e/ou funcionalidade dunha corrente “galeguista”, nacionalista, no PSOE, e tampouco apostou por participar nos intentos de algúns ex militantes dese partido, moi testemuñais, de construír unha organización socialista galega, autoorganizada e con centro de decisión aquí. Explicouno con suma claridade, como adoitaba facer cando falaba, pouco antes de morrer: “...os que pertencíamos ao Partido Galeguista a partir da súa fundación, éramos galeguistas, pero non éramos confesionalmente máis que galeguistas”<sup>1</sup>. Pode parecer unha restrición confesional ou ideolóxica este interese en subliñar unha militancia exclusivamente nacionalista. Aclaremos que Carvalho tiña claro que o nacionalismo era o eixo vertebrador do seu compromiso político, a razón de ser da súa militancia. E era así porque comprendeu, pola ‘propia experiencia da súa cidade natal, que, non xa a dereita caciquil, da que abominaba intelectualmente, senón tamén, doutra forma e con outra incidencia e obxectivos, a esquerda española, republicana e socialista, non contribuía á necesidade básica e primaria de colocar Galiza, o pobo galego, como referencia privilexiada e central da súa política. Isto é, facernos existir como pobo con dereitos como tal, a comezar o uso da lingua nacional. Perante unha necesidade tan elemental, Carvalho Calero, coa súa emoción e a súa racionalidade tan incisiva, púxose ao servizo da causa nacionalista, coa súa profesionalidade e a súa formación. E como

outras persoas mozas colaborou a construír a alternativa política que urxía ter coa chegada dunha República que abría a porta a discutir o modelo de Estado ánta que fose con prevencións, límites e condicións que, para Galiza, pretendía facer insuperábeis, e en xeral destinadas a impedir un Estado federal xenuíno, e non digamos a independencia. O interese pola política en Carvalho Calero enraizábase nunha necesidade intelectual e humana, nun compromiso de dignidade e de urxencia co pobo galego, o seu. Non era a súa preferencia como dedicación fundamental da súa vida.

Aliás, para Carvalho, cunha racionalidade capaz de expurgar de prexuízos e estereotipos a visión do real existente, o nacionalismo do PG, como non podía ser doutra forma, por condicionantes da realidade nacional onde se producía e á que servía, era plural ideoxicamente, pero todo el crítico ou incómodo co sistema capitalista tal e como funcionaba. Así o defendeu a inicios de 1934, nunha encrucillada política crítica e no contexto dun debate interno do partido en relación coas alianzas tácticas a practicar. Lembroulles a aqueles que puñan pruritos relixiosos para rexeitar unhas determinadas e precisas alianzas coa esquerda española que os galeguistas cristiáns tiñan unha visión da problemática social esquerdistas e que, desde o punto de vista social, non había dereitas no galeguismo e que o programa do partido era de esquerdas e cun fondo senso social. Até tal punto era este o pensamento orgánico do PG que *A Nosa Terra* (nº 323, 10-II-1934) colocou un artigo da súa autoría con estas clarificacións na primeira páxina. Desde logo, era clarividente o mozo Carvalho na súa disección do real existente. Efectivamente, non fixo máis que detectar o carácter frontista que o PG tiña pola súa pluralidade e a unidade fundamentada no seu cerne anti-imperialista, isto é, contrario á desigualdade e subordinacións das nacións e á opresión einxustiza social. Polo demais, para alén de non se poderen homologar situacións e dinámicas tan diferentes como a da II República coas do actual Réxime, cumple termos moi presente que a alianza electoral do PG cos partidos da Frente Popular tiña un obxectivo táctico moi preciso en relación con Galiza: lograr a consecución do Estatuto de Autonomía que a Constitución republicana contemplaba como posibilidade. Non xa na política social, respecto desta cuestión nada cabía esperar da dereita, expresión sublimada de militarismo, clericalismo e centralismo<sup>2</sup>, como acusa Carvalho, no artigo devandito co título *Xa somos esquerda*. Isto é, o nacionalismo por contido, por obxectivos e por base social, é de esquerdas.

Após tantos sufrimentos, penalidades, silencios, renuncias e incomprendisións, desde 1936, o seu patriotismo, o seu nacionalismo, sen militancia partidaria xa, pero con perseveranza na orientación, permaneceron dando sentido

a súa vida, á súa entrega ao país, tanto no franquismo como logo coa actual Restauración monárquica con democracia limitada. Non era, pois, afecto ao novo réxime. A súa polifacética obra literaria, o seu labor intelectual analizando a realidade cultural e o status da nosa lingua no noso tempo, o seu presente e o seu futuro, foron debidamente silenciadas e desprezadas polas institucións oficiais dunha autonomía empeñada en negar a especificidade nacional de Galiza. Porén foron de grande utilidade para a vida pública do país, para os seus intereses colectivos. E acabarán acadando o recoñecemento debido.



Boisaca. 1º cabodano de R.C.C.  
Marinhas del Valle, Monterroso Devesa

---

#### Notas

<sup>1</sup> Fernán Vello, Francisco Pillado, Conversas con Don Ricardo Carvalho Calero, Sotelo Blanco, 1989: 57.

<sup>2</sup> É curioso que Castelao, anos máis tarde, vai empregar no seu Sempre en Galiza, a expresión *Militarismo, clericalismo, semifeudalismo ou capitalismo* para caracterizar as esteas básicas do Estado español.

# Ricardo Carvalho Calero: breve disquisiçom antropónimica

JOSÉ LUÍS RODRÍGUEZ

**E**m 30 de outubro de 2010 nascia em Ferrol umha criança a quem seriam postos os nomes de “Ricardo, Leopoldo, Ángel, José, Gerardo”. De parte paterna (Ricardo Carballo Naya) herdaria o apelido “Carballo” e, de parte materna (María Dolores Calero Beltrán), “Calero”, apelidos, do ponto de vista lingüístico, castelhanos ou castelhanizados... Com o andar do tempo, aquele meninho, feito home, iria criando umha obra e um nome de prestígio, o de Ricardo Carvalho Calero, objeto fulcral de atençom no ano 2020, pois a Real Academia Galega, quase trinta anos após o seu falecimento (25 de marzo de 1990), honrou-se honrando-o com o dia das próximas Letras Galegas. Nom sem tempo!

Esta breve nota, umha disquisiçom sobre os nomes e apelidos do autor, pretende fundamentalmente alicerçar como única válida para o futuro home-nageado, a forma “Carvalho”, e nom a variante “Carballo”, com que alguns, especialmente nas esferas oficiais, ainda teimam em denominá-lo.

Naturalmente, no Ferrol de há cem anos, como noutras cidades galegas, a oficialidade exercia-se no idioma do Estado, de maneira que os cinco nomes indigitados ao recém nascido só poderiam ser castelhanos, ou em formato castelhano. Como conseqüênci, no entanto, da proximidade lingüística galego-castelhana (proximidade altamente perigosa para a língua minorizada), três dos nomes citados, Ricardo, Lepoldo, José, coincidem totalmente nas duas línguas, o último deles, “José”, se utilizarmos a ortografia histórico-etimológica, e nom, D. Ricardo *dixit*, a demótica, “Xosé”. Os outros dous nomes, “Ángel” e “Gerardo”, som alheios à galeguidade, em diverso grau, porém.

**JOSÉ LUÍS RODRÍGUEZ.** Catedrático jubilado de Filología Galega e Portuguesa da Universidade de Santiago. Autor de diversos trabalhos sobre o mundo dos trovadores, a filología e a lingüística galego-portuguesa, assim como sobre as relaçons entre a Galiza e Portugal.

“Ángel” penetrou na língua popular galega adaptado foneticamente umhas vezes (“Ánxel”), outras nom (“Angelito, Geluco...”, etc.). Quando se iniciou o processo de (re)galeguizaçom, o castelhano continuou a ser a miúdo a referéncia, mesmo para tentar fugir dele. Surgiu assim a forma “Anjo/Anxo”, com base na ambivaléncia castelhana “ángel”, como nome comum e como antropónimo, mas desconsiderando o testemunho português, o nosso referente (teórico), que diferencia “anjo” de “Ángelo”... Como o inglês, “victory” a respeito de “Victoria”. No nosso caso, assim como “Ángela/Ánxela” se mantém (apesar de algumha tentativa para “Anja”), o lógico seria (re)tomar “Ángelo/Ánxelo”, de que o hipocorístico “Gelo/Xelo” se calhar é um eco... Mesmo que “Ángelo”/Ánxelo” seja a base de “Ángela”, “Angélica”, etc., pois parece ser mais antigo, nada obsta à recomendac̄om de “Ángelo/Ánxelo”, como central, se se quer abandonar o quadro nominativo castelhano imperante.

Nom temos espaço, além de nos afastarmos do âmago desta breve nota, a forma “Carvalho”, para mais disquisiçons. Um apontamento, porém, para “Gerardo”, nome de origem germânica bem conhecido. Perante as formas lusitanas tradicionais “Geraldo/Giraldo” (com “Gerardo”, raro e hodierno), e os apelidos galegos, tipo “Geraldes/Giráldez”, ou as suas versons demóticas com xis, inexistentes ou de todo insólitas em espanhol (o apelido aqui é também “Gerardo”, como o nome), parece claro estarmos mais umha vez perante mais um exemplo de identidade galego-portuguesa, sendo a forma “Gerardo/Xerardo” castelhanizante.

Passemos pois para os apelidos. Pondo de lado o “Calero”, lingüisticamente nom galego, perante a evidênciā do genuíno “Caeiro” (que leva, entre outros, o famoso heterónimo pessoano Alberto Caeiro), voltemo-nos agora para “Carballo”, cuja galeguidade, galeuidade *ortográfica* acrecentamos,

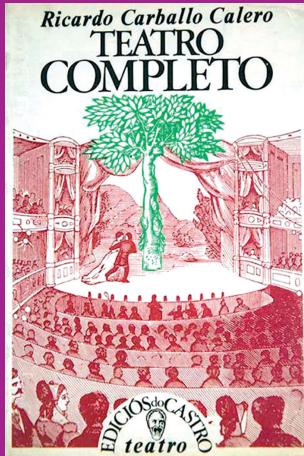
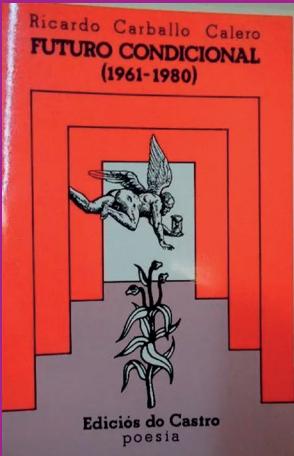


O autor com dom Ricardo,  
Sargadelos, 31-08-1982

púnhamos em dúvida já no início. A hipótese tradicional e mais generalizada, acerca das grafias “lh” e “nh”, equivalentes às castelhano-leonesas “ll” e “ñ”, é a sua origem provençal. No entanto, tem-se apontado últimamente, e até por estudiosos nom galegos, a possibilidade de umha génese autónoma, interna do sistema galego-português, de tais grafias, às quais o reforço circunstancial provençal (e nom só) ajudaria porventura a espalhar. Por sua parte, a grafia com “v” até aparece em variantes castelhanas (“Carvajal”, por exemplo) e a pronúncia portuguesa, ao sul do Douro, que distingue “v” de “b”, garante a sua autenticidade, tornando-a indiscutível, dado que se remonta às origens da língua. Pois bem, em determinada altura, Carvalho Calero decide introduzir o legítimo “Carvalho”, que vai sobrepondo ao mestiço “Carballo”, aos poucos porém, atento ao que chamava ‘a receptividade social’ e o meio de publicaçom utilizadu (por isso figura inicialmente em títulos de livros – a partir de *Da fala e da escrita*, 1983 – e finalmente nos artigos de jornal), porque acreditava na possibilidade de ‘rectificar a história’ e, que melhor que dar exemplo ele mesmo com o seu próprio apelido!

D. Ricardo, como lhe chamávamos, optou por “Carvalho” como a sua marca identificadora para a eternidade, tanto literária como pessoal. Assim como no caso dumha obra a última modificaçom introduzida por um autor é a que conta para a crítica competente à hora da fixaçom definitiva do texto, também a forma por ele querida para o seu nome o deve ser. Nom há sombra de dúvida da sua vontade: mesmo no seu testamento ológrafo estampou, coerentemente, “Carvalho”. Eleceu ser “Ricardo Carvalho Calero”, e esta escolha final sua desautoriza a opçom “Carballo”, seja qual for a ortografia galega empregada, os pretensos problemas legais que puder originar, os “Carballos” familiares invocados, etc., etc., para toda pessoa de bem ou instituiçom séria que à sua figura se abeirar. Mais ainda, se considerarmos que “Carvalho” nom é mera variante gráfica circunstancial, mas pórtico simbólico de toda umha reestruturaçom ortográfica, destinada a conferir dimensom internacional à nossa língua. Programa já enunciado, há um século, por Johan Vicente Viqueira, que o contexto galego da altura nom permitiu acometer. Dizia J. V. Viqueira, em palavras sem dúvida caras a D. Ricardo:

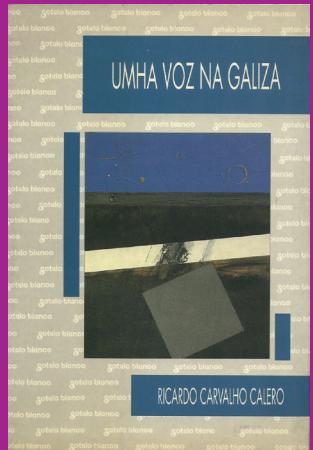
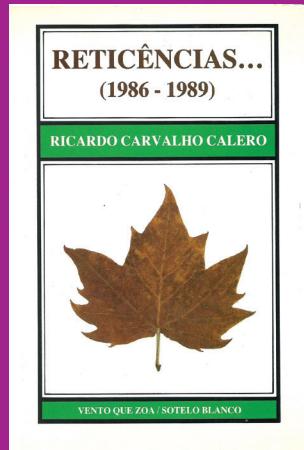
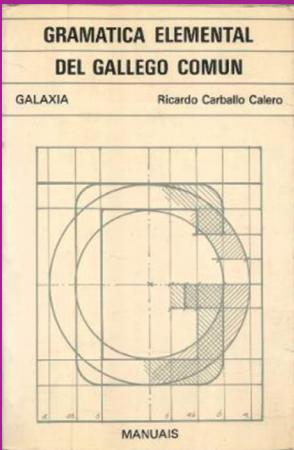
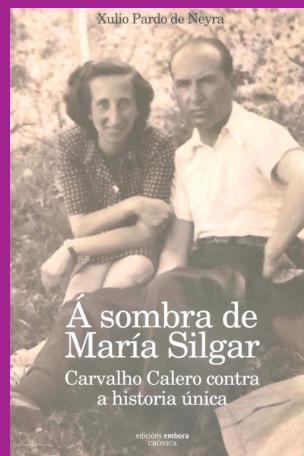
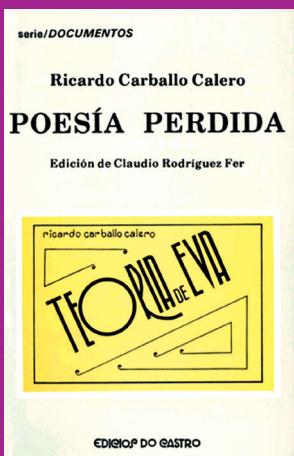
Insisto moito n'isto da ortografía, porque ela terá unida á purificación da lingua unha virtude mágica: fará da nosa fala campesina, aillada e probe, unha lingua universal, de valore internacional e instrumento de cultura (“Nosos problemas educativos”, 1918).



Ricardo Carballo Calero



Ediciós do Castro / ensaio



# CEX CADERNOS DE ESTUDOS XEIRAIS

## Xa publicados

- Nº 1 - «Xosé María Díaz Castro» · E. Mariño Davila, V. Pérez Prieto, A. Blanco Torrado  
Nº 2 - «De Galicia a Chiloé. *Chile a la vista de E. Blanco-Amor*» · Luis Pérez Rodríguez  
Nº 3 - «Impresións de Emilia Pardo Bazán sobre a Primeira Guerra Mundial» · M. González Prieto e R. Axeitos Valiño  
Nº 4 - «Moncho Valcarce: un militante social e político galeguista, un cura atípico, un profeta e un místico cristian» · VV.AA.  
Nº 5 - «Evocación e lembranza de Manuel Espiña Gamallo» · VV.AA.  
Nº 6 - «Luisa Viqueira Landa: unha heroína republicana» · VV.AA.  
Nº 7 - «Oitava de voces para Manuel María» · VV.AA.  
Nº 8 - «A longa pósguerra (1936-1953) de Ramón Vilar Ponte» · José-Mª Monterroso Devesa  
Nº 9 - «Maruja Mallo: vida e exilio dunha artista universal» · Carlos Novo Cal e Analía Álvarez González  
Nº 10 - «Os seis poemas galegos de Federico García Lorca» · Luis Pérez Rodríguez  
Nº 11 - «Julio J. Casal e Galiza» · José Mª Monterroso Devesa  
Nº 12 - «Filomena Dato Muruais a poeta das Mariñas» · Xesús Torres Regueiro  
Nº 13 - «Inauguración da escultura en homenaxe a Emilia Pardo Bazán» · Manuel González Prieto  
Nº 14 - «Luís Seoane · Merecida homenaxe a un artista creador polifacético» · José Martínez-Romero Gandomos  
Nº 15 - «Antonio Fraguas Fraguas - Unha vida, un país» · Clodio González Pérez  
Nº 16 - «Significado de Luis Seoane no contexto da cultura galega do século XX» · Xosé Díaz Arias de Castro

## Escreven neste número:

XAVIER ALCALÁ

XOSÉ LUIS AXEITOS

XOÁN COSTA

MIGUEL ANXO FERNÁN VELLO

XOSÉ RAMÓN FREIXEIRO MATO

MARÍA PILAR GARCÍA NEGRO

MARIA DO CARMO HENRÍQUEZ SALIDO

JOSÉ-MARTINHO MONTERO SANTALHA

JOSÉ-M. MONTERROSO DEVESAS

CAMILO NOGUEIRA

HENRIQUE RABUÑAL

FRANCISCO RODRÍGUEZ

JOSÉ LUÍS RODRÍGUEZ

## Edita



## Colaboran



Deputación  
da Coruña

